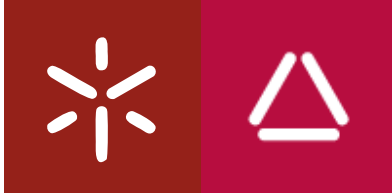




Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Tânia Juliana Cardoso Oliveira

**O papel parental da mulher reclusa com
percursos relacionados com a droga**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Tânia Juliana Cardoso Oliveira

**O papel parental da mulher reclusa com
percursos relacionados com a droga**

Dissertação de Mestrado
em Crime, Diferença e Desigualdade

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Paula Cristina Martins

Declaração

Nome: Tânia Juliana Cardoso Oliveira

Endereço eletrónico: juliana.crd7@gmail.com **Telefone:** 915880179

Número do Bilhete de Identidade: 14680458

Título dissertação: O papel parental da mulher reclusa com percursos relacionados com a droga.

Orientadora: Professora Doutora Paula Cristina Martins

Ano de conclusão: 2019

Designação do Mestrado: Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho: 31/01/2019

Assinatura:

Agradecimentos

Ao Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo que tornou possível a realização do estudo e sobretudo a todas as reclusas que disponibilizaram o seu tempo para participarem, sem os seus testemunhos nada era possível.

À jurista do Estabelecimento Prisional, Doutora Carlota Castro, pela disposição em ajudar e pela disponibilidade.

Ao corpo de guarda prisionais do EPSCB, especialmente à guarda Carla Amorim por toda a disponibilidade e amizade que demonstrou para comigo. “Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”.

À professora Doutora Paula Cristina Martins pelos momentos de compreensão, atenção, disponibilidade e pela partilha de conhecimentos.

Aos meus pais, que me acompanharam, motivaram e apoiaram durante todo este percurso.

À minha avó por todos os momentos de paciência que teve para comigo, por me incentivar nas fases mais complicadas.

Às minhas tias, pela preocupação e compreensão

À restante família que sempre acreditaram no meu valor.

Ao Paulo André, pois, para além de um grande amigo foi um suporte, motivando nos momentos mais difíceis.

À Marlene, pela amizade e companheirismo.

À Vânia, pela ajuda e amizade que sempre mostrou para comigo.

À Beatriz por todos os momentos mais descontraídos que me proporcionou e pela amizade.

Ao Miguel que sempre mostrou disponibilidade, compreensão e atenção comigo.

Aos meus restantes amigos, que me apoiaram e por toda a paciência que tiveram comigo durante esta reta final.

Pois, isto sem vocês não seria possível.

Muito obrigada!

Resumo

São poucos os estudos que retratam a mulher reclusa, com a condicionante da maternidade associada ao fenômeno da criminalidade feminina. Desta forma, o presente estudo tenta perceber a forma como estas mulheres estabeleceram ligação com a droga, durante o respetivo percurso de vida, a forma como a toxicodependência (seja por consumo ou tráfico) influenciou no seu papel enquanto mães, e as dificuldades que encontraram na sociedade devido à estigmatização que lhes é atribuída.

Assim, este trabalho baseou-se em entrevistas semiestruturadas, a uma amostra de conveniência constituída por 13 reclusas, mães com percursos de vida ligados à droga, tanto de uma forma direta (consumo), como de uma forma indireta (tráfico).

O envolvimento das mulheres no mundo do crime é definido por um conjunto complexo de fatores, desde as dificuldades financeiras, às relações conjugais, sentimentos negativos e experiências passadas, entre outros.

A droga influencia as capacidades e competências ao nível do papel parental, contudo não parece ter comprometido a sua autoavaliação de adequação enquanto mães, de acordo com o seu entendimento do melhor interesse dos filhos.

De uma perspetiva geral, não sentem que discriminação por parte da sociedade, considerando ter conseguido preservar a sua imagem pública.

Palavras-chave: Mulher, Mãe, Reclusa, Papel Parental, Tráfico Toxicodependência.

Abstract

There are few studies that portray the reclusive woman, with the condition of motherhood associated with the phenomenon of female crime. In this way, the present study tries to understand how these women have established links with the drug during the course of their life, how drug addiction (whether by consumption or trafficking) influenced their role as mothers, and the difficulties they encountered in society because of the stigmatization attributed to them.

Thus, this work was based on semi-structured interviews, a sample of convenience constituted by 13 inmates, mothers with life paths linked to the drug, both in a direct way (consumption) and in an indirect way (trafficking).

The involvement of women in the world of crime is defined by a complex set of factors, from financial difficulties, marital relationships, negative feelings and past experiences, among others.

The drug influences parental role skills and competencies, yet does not seem to compromise their self-assessment of adequacy as mothers, according to their understanding of the best interests of their children.

From a general perspective, they do not feel that discrimination on the part of society, considering that they have managed to preserve their public image.

Keywords: Woman, Mother, Pride, Parental Guidance, Traffic Drug Addiction.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract.....	vii
Índice de Gráficos.....	xi
Índice de Tabelas.....	xi
Siglas	xiii
Introdução.....	1
Parte I - Enquadramento Teórico	5
1.1 Criminalidade Feminina – A expressão do fenómeno.....	5
1.2 Fatores explicativos do envolvimento no crime	8
2. O fenómeno da reclusão feminina.....	10
3. Mulher toxicodependente/traficante	12
4. Toxicodependência, Reclusão e Maternidade.....	19
Parte II – Objetivos e Metodologia.....	23
1.1 Objetivo Geral.....	23
1.2 Amostra	24
1.3 Procedimento	26
Parte III – Apresentação, Análise e Discussão de Resultados	27
Análise e Discussão de Resultados	28
A forma como estabeleceram a ligação com a droga durante o respetivo percurso de vida	28
A forma como a toxicodependência (seja consumo ou tráfico) influência no papel parental	31
Diferentes tipos de dificuldade que encontram na sociedade.....	34

Parte IV – Considerações Finais	35
Bibliografia.....	37
Anexos	43
Anexo I- Pedido de autorização.....	45
Anexo II – Consentimento Informado.....	49
Anexo III – Autorização do Consentimento Informado.....	53
Anexo IV – Guião da Entrevista.....	81
Anexo V – Entrevistas Transcritas	85

Índice de Gráficos

Gráfico 1. Prevalência de consumo de qualquer droga ao longo da vida, por sexo, em Portugal, nos anos de 2001/2007/2012/ e 2016/2017	13
Gráfico 2. Prevalência de consumo ao longo da vida, por tipo de droga, sexo feminino, em Portugal, nos anos de 2015 e 2016.	15
Gráfico 3. Taxa de desemprego, por género, em Portugal, no 2º trimestre de 2018.	16
Gráfico 4. Intervenientes do género feminino, por atividade, em Portugal, no ano de 2017.	17
Gráfico 5. Maus tratos físicos, sexuais e emocionais durante a infância, adolescência e a idade adulta das reclusas nos EP Portugueses.	18

Índice de Tabelas

Tabela 1. Total de reclusos, por género, em Portugal, desde 2010 a 2017	6
Tabela 2. Tipologias de crimes cometidos por mulheres em Portuga, no ano de 2017	7
Tabela 3. Reclusas segundo a instrução e nacionalidade, em Portugal no ano de 2017	11
Tabela 4. Caraterísticas individuais das reclusas entrevistadas	25

Siglas

EP Estabelecimento Prisional

EPSB Estabelecimento Prisional Santa Cruz do Bispo

OEDT Observatório Europeu de Drogas e Toxicodependência

IDT Instituto de Droga e Toxicodependência

INE Instituto Nacional de Estatística

SICAD Serviços de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

SIRS Sistema Integrado de Reinserção Social

DGRSP Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais

DGPJ Direção Geral da Política de Justiça

SCMP Santa Casa da Misericórdia do Porto

MJ Ministério da Justiça

Introdução

Existem poucos estudos sobre a transgressão feminina, no âmbito penal e criminológico, registando-se taxas de criminalidade feminina inferiores às de criminalidade masculina (Matos, 2008). Todavia, apesar de a criminalidade feminina ainda ter valores baixos, tem-se vindo a verificar um aumento exponencial da população feminina nas cadeias portuguesas (Matos & Machado 2007).

Atualmente, existem cerca de 13 487 reclusos em Portugal, sendo 12 633 são do género masculino e 854 do género feminino (Direção Geral Reinserção Sistema Prisional, 2017), verificando-se uma tendência de aumento da população reclusa. Entre 2010 e 2017 houve um aumento de 36,5% dos reclusos do género masculino e 14,5% do género feminino (Direção Geral Política de Justiça, 2018).

Relativamente à tipologia de crimes praticados pelas mulheres, tem-se assistido a uma evolução nos crimes mais frequentes, passando-se do tráfico de estupefacientes, para os crimes contra a propriedade, nomeadamente, furtos e roubos (DGPJ, 2017). A este facto, não será alheia a aprovação da lei em 2000 (Lei nº30/2000, de 29 de novembro), uma vez que esta descrimina o consumo, a posse e a aquisição de estupefacientes até certas quantidades, que passam a ser consideradas como contraordenações e não crimes.

O contexto que estas mulheres vivem é um fator importante para o envolvimento no crime, uma que vez tendem a colmatar as diferentes dificuldades, acabando por se afastar das normas sociais. São sobretudo as classes mais desfavorecidas socioeconomicamente que constituem subculturas (Cunha, 2002). As explicações para justificar a prática de crimes pelas mulheres são várias, desde sentimentos negativos, as frustrações, os distúrbios psicológicos, o historial de maus tratos, os abusos sexuais, as institucionalizações (Carvalho, 2013).

O envolvimento com as drogas é a principal “atividade económica” que permite às mulheres garantir o estilo de vida nas drogas, (quer pela subsistência, quer para o próprio consumo) (Rosenbaum, 1981). Tal como no crime, existem diversos fatores que influenciam na ligação com o consumo/tráfico, sendo a

causa primordial, a infância problemática, onde ocorrem situações de abandono, negligência, violência tanto ao nível físico como psicológico (Pimenta, 1997).

A ligação com o mundo da criminalidade é feita com prejuízo da sua formação escolar. Assim, verifica-se que a reclusa portuguesa fica apenas pelo 1º ciclo do ensino básico, existindo, atualmente, um número significativo de analfabetas nos nossos estabelecimentos prisionais (Serviços Prisionais, 2017).

Quanto à parentalidade esta passagem acontece, num período de vida menos favorável, pressupondo que surgem alterações significativas na vida dos pais (Limede, 2014).

A parentalidade, é uma questão bastante peculiar, quando se trata da reclusão da figura materna. De acordo com o Decreto de Lei nº 21/2013, de 21 de fevereiro (artº7, ponto 1, alínea g) um dos direitos que a mãe reclusa tem, é poder manter consigo na prisão o seu filho até aos 5 anos de idade, com a devida autorização do outro responsável parental, desde que seja considerado o interesse do menor e apresentadas as condições necessárias.

Existem perspetivas que defendem a presença das crianças dentro do sistema prisional, realçando que a criança não se deve desvincular da figura maternal, uma vez que esta ligação é fundamental para o desenvolvimento tanto motor como psicológico (Serras & Pires, 2004). Em contrapartida, defendem-se teorias onde se verifica que é difícil proporcionar um ambiente saudável a uma criança, pois a relação da mãe-criança está condicionada pela dinâmica pessoal, ambiente agressivo, conflituoso, demasiado barulho e agitado (Cunha, 1994).

Em Portugal existem dois estabelecimentos prisionais (EP) que acolhem mulheres e os seus filhos e um que só acolhe mulheres. O EP de Tires e o EP de Santa Cruz do Bispo são os que têm a possibilidade de acolher crianças e o EP de Odemira só recebe mulheres condenadas por determinados crimes.

O estudo aqui descrito foi realizado no EP de Santa Cruz do Bispo, situado no distrito do Porto, mais concretamente no concelho de Matosinhos, acolhe reclusas preventivas e condenadas e tem uma lotação de 354 celas, possui uma ala específica para as reclusas mães, constituída por 16 celas.

Este EP tem uma creche no interior, de forma a ajudar socio educativamente a criança, através de educadoras e auxiliares educativas (SCMP, 2012).

O presente estudo prende-se em entender como é que a reclusão influencia no papel parental da mulher.

Para compreender a temática em causa, o trabalho dividiu-se no:

Capítulo I – Criminalidade Feminina – A expressão do fenómeno, onde se revela a forma pela qual houve a necessidade de se criarem teorias explicativas sobre esta problemática, a realidade existente e as taxas de crime atuais, tal como o motivo que leva as mulheres a envolverem-se no crime e os tipos de crimes que praticam com maior frequência.

Capítulo II – Fenómeno da reclusão – que retrata a caracterização da reclusa portuguesa, os fatores primordiais que levaram as mesmas a cometer o crime.

Capítulo III – Mulher toxicodependente/traficante – onde se aborda tanto o uso como o tráfico de estupefacientes.

E por fim o capítulo IV – Toxicodependência, Maternidade, e Reclusão – refere-se a questão da parentalidade, com todos os desafios que a mesma acarreta, desde como se vêem como mães tal como, as diferentes dificuldades que têm.

Em suma, as limitações do estudo, basearam-se essencialmente no foco principal, pelo que seria de esperar, uma vez que a questão da parentalidade é bastante peculiar, uma vez que o processo de maternidade é influenciado por diversos fatores, sendo possível identificar e descrever diferentes variáveis que o podem afetar (Mercer., 1995; Koniak & Griffin., 1993; Mercer et al., 2006; Hockenberry et al., 2011). Assim, as práticas parentais dependem não só da capacidade individual dos progenitores, para responder as necessidades dos filhos, como também à matriz de outros fatores (Clulow., 1991).

Parte I - Enquadramento Teórico

1.1 Criminalidade Feminina – A expressão do fenómeno

No decorrer das últimas décadas ocorreram alterações nas estruturas e dinâmicas das famílias em relação ao género, assistindo-se a mudanças profundas nos lugares dos homens e das mulheres na vertente privada relacionadas à emergência de um modelo mais igualitário na divisão sexual do trabalho (Wall, 2010).

As dinâmicas de mudança das relações de género são diversas, complexas e condicionadas por fatores de ordem económica, política e cultural, tal como por as trajetórias individuais, sendo a classe social, etnicidade, idade e fase do ciclo de vida condicionantes na vida dos homens, como na vida das mulheres (Greenland, 2010).

A ausência de informação relativamente à criminalidade feminina advém sobretudo dos índices de reclusão de homens e mulheres, em que elas representam, invariavelmente a minoria. Em regra, esta minoria raramente excede os 10%, tanto em Portugal como na generalidade dos países da União Europeia e nos EUA (Cunha, 2006).

As primeiras teorias sobre desviância feminina surgem no século XIX (Matos, 2008), quando Lombroso desenvolve numa explicação biológica para o fenómeno criminal, alertando para uma tendência inata das mulheres no mundo do crime (Ribeiro, 2013). Nesta perspetiva, considera-se as mulheres menos criminosas, no entanto “mais terríveis que qualquer homem” (Lombroso & Ferrero, 1996, cit in Matos, 2008, p.27).

Confirma-se ainda que entre 1999 e 2014, as taxas de reclusão das mulheres são sistematicamente mais baixas em relação às taxas de homens reclusos, o que leva a considerar que é um fenómeno condicionado pela variável do género (Ribeiro, 2013).

De acordo com a Direção Geral da Política de Justiça (2018), entre 2010 e 2017 verificou-se um aumento de cerca de 15,7% no número total de reclusos em Estabelecimentos Prisionais. No entanto, este aumento não é uniforme, tendo havido um aumento de 36,5% no número de reclusos do género feminino e 14,5% no número de reclusos do género masculino.

Tabela 1. Total de reclusos, por género, em Portugal, desde 2010 a 2017¹

ANO	GÉNERO MASCULINO	GÉNERO FEMININO
2010	10.986	627
2011	11.970	711
2012	12.856	758
2013	13.431	853
2014	13.162	841
2015	13.360	862
2016	12.910	869
2017	12.584	856

A tabela acima transcrita traduz o número total de reclusos do género masculino e feminino, desde 2010 a 2017 em Portugal.

Como tal, constata-se que a evolução tem sido em ambos os géneros. O ano de 2013 para o género masculino foi onde se verificou um número mais elevado (13.431), enquanto que para o género feminino o ano de 2016 foi onde se observou um aumento significativo de mulheres presas (862).

Portanto, não se pode considerar o crime no feminino como atípico ou contranatura, uma vez que a biologia permite que as mulheres cometam qualquer tipo de crime, entre homicídios, furtos, tráfico, entre outros (Calixto, 2016).

¹ Fonte: DGPI/Ministério da Justiça: PORTADA (outubro, 2018).

Tabela 2. Tipologias de crimes cometidos por mulheres em Portuga, no ano de 2017²

Tipos de crimes	Nº de crimes
Contra pessoas	19.838
Contra o património	10.755
C.id.cult.,int.pessoal	20
Contra vida em sociedade	2.582
Contra Estado	648
Contra animais de companhia	309
Legislação avulsa	3.958

Na tabela 1, verificam-se os tipos de crimes cometidos pela população feminina em Portugal, alusivo ao ano de 2017 (SIRS, 2017). Cujo crime mais praticado pelas mulheres é contra as pessoas (19.838), de seguida o crime contra o património. Os crimes com menor frequência baseiam-se são contra a identidade cultural e integridade pessoal, contra animais de companhia e o crime contra o estado.

² Direção-Geral da Política de Justiça (Agentes/Suspeitos Identificados em crimes registados, segundo sexo e crime, 2017).

1.2 Fatores explicativos do envolvimento no crime

Há várias explicações para justificar o cometimento de crimes, nomeadamente, os sentimentos negativos, frustrações, distúrbios psicológicos, historial de maus tratos e abusos sexuais, institucionalizações, entre outros (Carvalho, 2013).

Relativamente à mulher, enquanto criminosa, a sua trajetória de vida tende a agregar-se à pobreza, baixos níveis de capital escolar, exclusão social, falta de habitação, registos criminais, violência sexual e/ou física, abuso de substâncias, problemas mentais de saúde e monoparentalidade (Matos, 2006).

O número de mulheres com historial de abusos físicos e sexuais é significativo. Quando esses abusos são sofridos na infância, a tendência para o envolvimento no mundo do crime é precoce. O envolvimento com drogas associa-se aos traumas sofridos e serve como uma “automedicação” devido a danos emocionais, sentimento de medo, depressão e auto-desvalorização (Gomes, 2008).

Geralmente, estas mulheres são provenientes de subúrbios urbanos e bairros sociais, sendo o contexto onde vivem um fator estimulante no envolvimento com substâncias ilícitas, para que assim consigam colmatar as dificuldades que passam (Cunha, 2002). “O mercado retalhista de droga propriamente dito trouxe aos bairros das periferias urbanas portuguesas uma estrutura de oportunidades ilegais e sobretudo, de fácil acesso” (Cunha, 2002 p. 2).

Por outro lado, a rutura/enfraquecimento de vínculos sociais, a reação social e a consequente estigmatização têm um papel fundamental na potencialização da prática de atos ilícitos, uma vez que acabam por levar o indivíduo a afastar-se cada vez mais das normas e valores estabelecidos pela sociedade (Morena & Sousa, 2018).

Desta forma, os fatores situacionais e sociais representam um papel relevante como impulsionadores nos comportamentos violentes e criminais (Calixpo, 2016).

A ligação entre a prisão e a vida familiar pode estar alusiva a um contexto mais amplo de desigualdades sociais, associadas a determinadas periferias economicamente desfavorecidas (Cunha, 2002).

Muitas vezes, existe também a ligação com a família, onde os familiares destas mulheres têm algum tipo de envolvimento com o sistema de justiça (Cunha, 2002). As reclusas e as suas respetivas famílias, são geralmente oriundas dos estratos mais desfavorecidos da hierarquia social, nivelados pela pobreza, marginalização e discriminação social, o que acaba por surgir a implicação no tráfico como meio de subsistência (Fernandes & Ramos, 2010).

Existe uma predisposição de comportamentos violentos, em que se relaciona com variáveis da personalidade como o sexo, a idade o estatuto socioeconómico e os fatores situacionais, onde se encontra os locais do crime, as influências do álcool e também substâncias psicotrópicas (Megargee, 1976).

A pobreza afeta principalmente as mulheres, com base na discriminação que é feita no âmbito do mercado de trabalho. Crimes como furto, homicídio, tráfico de droga acontecem, sobretudo, devido à falta de mobilidade social, pois quem os comete, por norma, tem um baixo nível de escolaridade que posteriormente se traduz em profissões pouco qualificadas e mal remuneradas (Morena & Sousa, 2018). Para além da falta de emprego ser um fator relevante nos crimes direcionados para a obtenção de rendimentos extra, existem outros fatores que também estão interligados, nomeadamente o consumo/dependência de drogas ou álcool (Calixto, 2016).

A tipologia de crimes das mulheres, para além dos fatores acima mencionados, incide também nos relacionamentos amorosos com companheiros que também têm envolvimento com a droga. A partir desse momento, tornam-se cúmplices e parceiras do negócio (Calixto, 2016). Desta forma, é pouco vulgar que as mulheres assumam papéis de liderança e de tomada de decisão, uma vez que são caracterizadas como “mulas de droga” (Ferreira, et al, 2015).

A participação das mulheres no mundo do crime pode também relacionar-se com o desejo de querer assumir um *status* associado ao poder e ao controlo, considerando as ilegalidades como aliciantes e dignas de atenção por parte da sociedade. Assim, a delinquência em mulheres é vista como uma forma de autoafirmação feminina, considerando-se as atitudes criminosas realizadas por mulheres tipicamente masculinas (Duarte & Carvalho, 2013).

2. O fenómeno da reclusão feminina

O crime praticado pelo sexo feminino sempre existiu, porém, só começou a ser encarado como fenómeno social a partir dos anos 70 do século XX (Calixto, 2016).

A mulher que comete crimes é considerada duplamente desviante, pois para além de transgredir a lei, vai contra os papéis convencionais aplicadas ao sexo feminino (Machado & Matos, 2016). Conforme Cunha (1994, p.27), a dupla desviância aplicada às mulheres deve-se “à transgressão da legalidade que as conduziu à prisão ser de uma forma ou de outra concomitante com a negação das normas que definem a conduta apropriada.

Até à década de 70, em Portugal, o interesse pelo estudo do comportamento das mulheres desviantes era escasso. Contudo, os estudos realizados interessavam-se em analisar as especificidades que envolvem a mulher na criminalidade, procurando romper o carácter androcêntrico da criminologia tradicional (Vold. Bernand e Snipes, 2002). Atualmente, as marcas distintivas passam pelo empreendimento de análises críticas aos sistemas de pensamento e conhecimento instituídos e dominantes que se prendem com a investigação das vivências, experiências, representações e narrativas das mulheres que tem conflitos com a lei, tal com o seu posicionamento e os padrões específicos de vulnerabilidade (Walby, 1990).

No primeiro código penal português, de 1852, quando o réu era uma mulher substituíam-se a pena por trabalhos comunitários. No que se refere à pena de morte, esta também era aplicada à mulher, a não ser que a mesma estivesse grávida. Nesse caso poder-se-ia realizar a execução um mês após o parto (Crespo, 2010).

Posteriormente, outras perspetivas emergiram, passando a defender-se que se os valores morais fossem transmitidos corretamente, estas mesmas mulheres poderiam ser reabilitadas (Cunha, 1994). Então, nos anos de 1850 a 1900, começou a investir-se no melhoramento das condições prisionais, sendo as mulheres transferidas para estabelecimentos prisionais exclusivos ao sexo feminino, sendo também vigiadas por guardas femininas.

Gradualmente, começou a existir um melhoramento ao nível das condições nas prisões femininas, como a redução do número de reclusas por

cela, a possibilidade de fazer formação profissional em várias áreas, uma maior e melhor assistência médica (Feinman, cit por Pires, 2001).

Como foi referido anteriormente, a pobreza afeta sobretudo as mulheres, uma vez que estas são altamente discriminadas no âmbito do mercado de trabalho, sobretudo pelo baixo nível de escolaridade (Morena & Sousa, 2018).

Tabela 3. Reclusas segundo a instrução e nacionalidade, em Portugal no ano de 2017³

Habilitações Literárias	Mulheres De Nacionalidade Portuguesa	Mulheres De Nacionalidade Estrangeira
Não Sabe Ler nem Escrever	59	6
Sabe Ler e Escrever	41	24
1º Ciclo do Ensino Básico (1º- 4º ano)	191	30
2º Ciclo do Ensino Básico (5º e 6º ano)	97	18
3º Ciclo do Ensino Básico (7º- 9º ano)	146	48
Secundário (10º - 12º Ano)	78	37
Curso Superior	22	25
Outros Cursos	...	3
Não Especificado	28	15
TOTAL	662	206

Como se pode verificar, existe uma grande parte das reclusas portuguesas (191) que apenas têm o 1º de escolaridade que é desde o 1ºano até ao 4ºano. Em contrapartida, as reclusas estrangeiras apresentam tendencialmente mais habilitações, sendo o 3º ciclo o nível de escolaridade que maior frequência regista (48). Verifica-se ainda uma diferença acentuada no que se refere à iliteracia, pois enquanto que existem (59) portuguesas a não saber ler nem escrever, apenas (6) estrangeiras estão nessa mesma situação.

Geralmente, as mulheres reclusas são provenientes de subúrbios urbanos e bairros sociais, sendo o contexto onde vivem num fator estimulante no envolvimento de substâncias ilícitas, para que assim consigam colmatar as dificuldades que passam (Cunha, 2002).

³ SIRS (maio, 2017).

3. Mulher toxicodependente/traficante

O uso de substâncias psicotrópicas remonta à Antiguidade, acompanhando as trajetórias históricas, culturais e sociais, sendo a sua utilização feita quer por questões medicinais, culturais ou religiosas (Alcaide et al., 2009).

A evolução referente à droga ao longo dos tempos foi ganhando vários significados, dimensões e formas de consumo. Atualmente tem uma tripla dimensão, a nível da mercadoria como elo de ligação entre componentes jurídicos, económicas e fiscais, a dimensão lúdica e terapêutica, como fonte de desinibição favorecedora do convívio social e como instrumento de tratamento médico, e por fim, a dimensão objeto e de origem do crime, numa visão emergente principalmente a partir de meados do século XX (Poiares, 1999).

De acordo com Alcaide et al, (2009), o consumo de drogas, enquanto problema social, ganhou maior relevância a partir da década de 70 do século XIX. O desenvolvimento em massa da cultura, da música e do cinema contribuiu para que houvesse uma maior atenção face a este fenómeno.

A Organização Mundial de Saúde considera a toxicodependência como um estado de necessidade e/ou psíquica do organismo face a um produto tóxico e que resulta num conjunto de reações decorrentes do seu uso contínuo ou periódico. Constitui um problema de saúde pública a nível mundial, uma vez que acarreta consigo graves implicações sociais, políticas e económicas (OMS, 2011).

A toxicodependência tem efeitos nocivos a vários níveis, tal como a nível individual afeta a saúde mental e física. Em termos físicos, a dependência de substâncias ilícitas pode comprometer a saúde do indivíduo, dado a estar associado a uma maior probabilidade de doenças infecciosas, má nutrição e falta de higiene pessoal. No que respeita à saúde mental, são comuns problemas de ordem afetiva, de relacionamento interpessoal de adaptação a normal e valores, a baixa autoestima, baixo nível de tolerância, à frustração e alterações na perceção da realidade (Martins & Muchata, 2010).

A partir dos anos 80, do século XX, foi considerado pertinente o estudo referente “às mulheres no mundo da droga”, especialmente a gravidez da mulher toxicodependente e as especificidades do seu tratamento (Rosenbaum, 1981). A

investigação da mulher toxicodependente como pessoa só muito recentemente tem vindo a atrair a atenção dos pesquisadores sociais. Ainda hoje em dia, sempre que se aborda a toxicodependência associa-se aos homens, uma vez que a mulher consumidora acarreta um estigma maior que o homem (OEDT, 2000).

Relativamente ao consumo de drogas realizado pelo género feminino, este sempre passou invisível perante a sociedade, uma vez que a utilização de drogas penaliza diferencialmente a mulher em comparação aos homens, visto que este consumo não corresponde às expectativas que se direcionam com os pressupostos do papel da mulher (Esteves, 1997).

Com a imposição das leis antidrogas começou-se a verificar o efeito contrário: o número de mulheres consumidoras diminuiu e a diferença entre o consumo de homens e mulheres acentuou-se (Young, 1994). Após a implantação destas leis, as mulheres toxicodependentes começaram a ser objeto de determinados estigmas, sendo caracterizadas como mulheres “rebeldes e com psicopatologias”, assim como também se associou o consumo à atividade de prostituição (Ferreira, 2004). A estigmatização social funcionou assim como um eficaz instrumento de controlo social de género (Madriz, 1997).

Atualmente, há autores que afirmam a existência de um aumento bastante significativo relativamente ao número de mulheres consumidoras de drogas (Fox & Sinha, 2009).

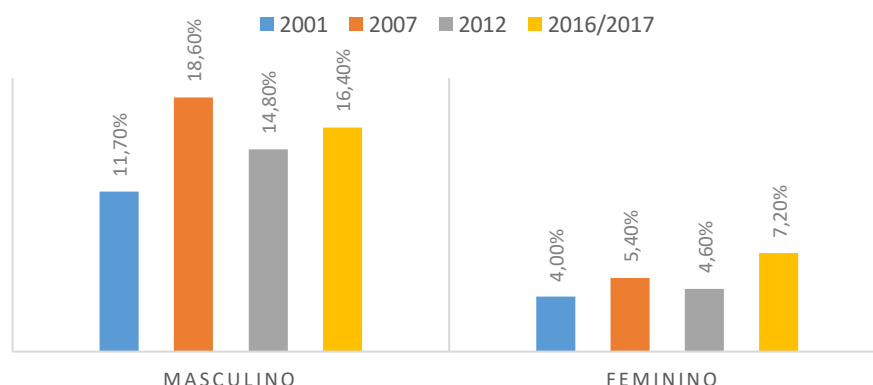


Gráfico 1. Prevalência de consumo de qualquer droga ao longo da vida, por sexo, em Portugal, nos anos de 2001/2007/2012/ e 2016/2017⁴

⁴ Fonte: Balsa et al., 2014 et al., 2017/Serviços de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI-DEI

No gráfico acima transcrito é notável a diferença do consumo entre homens e mulheres nos diferentes anos.

Para o género masculino o ano onde existiu um maior consumo foi em 2007, sendo que em 2012 se verificou um ligeiro decréscimo.

Relativamente ao género feminino, ao longo dos anos referenciados, têm-se verificado um aumento progressivo e significativo, sendo que foi nos anos de 2016/2017 que se registou um maior consumo por parte das mulheres.

Estas prevalências de consumo continuam a serem mais expressivas no género masculino (15% ao longo da vida), em comparação ao género feminino (6% ao longo da vida). Assim, apesar de se terem verificado subidas destas prevalências em ambos os géneros, é visível uma diminuição do rácio do homem entre 2012 e 2016/2017 (Guerreiro & Ribeiro, 2017).

A prostituição pode interligar-se com a toxicodependência no caso das mulheres, ou seja, de acordo com Manita e Oliveira (2002), a prostituição de rua não é universal, existindo vários perfis de prostitutas, que se distinguem, das que fazem da prostituição uma autêntica atividade laboral (trabalho diário, horários definidos, locais certos) que se designam como “prostitutas tradicionais”, tendo uma maior correspondência com o estereótipo social da mulher de rua. O outro perfil, enquadra-se com as mulheres que estão na rua como forma de ganhar algum sustento (dinheiro) para os consumos de drogas ilícitas - as “prostitutas toxicodependentes”.

Geralmente, o que acontece é que existe um número pouco significativo de mulheres a entrar na prostituição pela via tradicional, acabando por cair nas teias da droga, tornando-se toxicodependentes, o que significa que a maior parte das consumidoras que se prostituem tinham previamente a toxicodependência instalada antes de recorrerem à prostituição (Manita & Oliveira, 2002).

Com exceção dos medicamentos psicotrópicos, as mulheres apresentam uma menor prevalência no abuso de diversas drogas. No entanto, estudos realizados pela United Nations Office on Drugs and Crime (2016) confirmam que se tem vindo a observar uma aproximação entre géneros, mais especificamente, dos perfis dos consumidores em diferentes países.

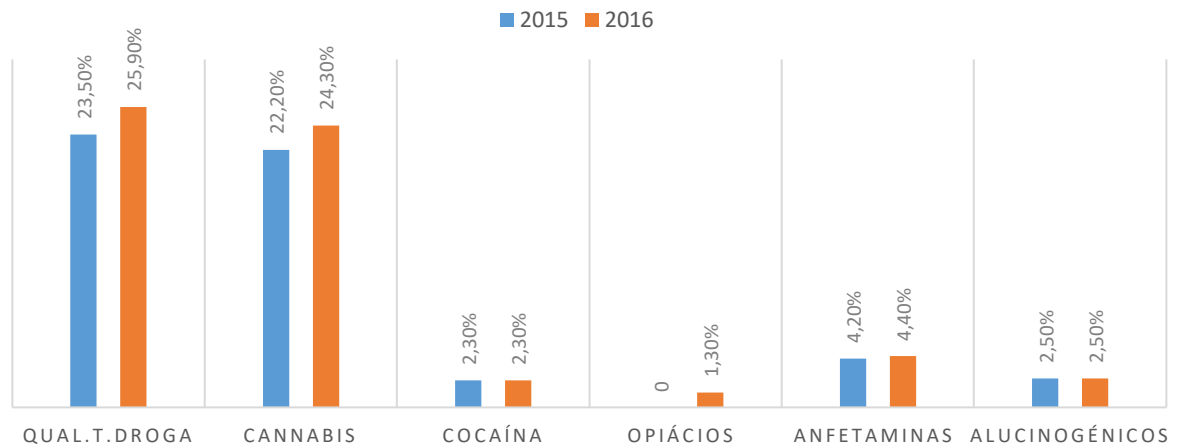


Gráfico 2. Prevalência de consumo ao longo da vida, por tipo de droga, sexo feminino, em Portugal, nos anos de 2015 e 2016.⁵

Como se verifica no gráfico 3, a droga que as mulheres consomem com maior afluência, especificamente, é a Cannabis, existindo inclusive um ligeiro aumento de 2015 para 2016 quanto ao consumo realizado. A droga com menor procura/consumo são os opiáceos, onde em 2015 não existia nenhum tipo de consumo por parte das mulheres. No entanto, em 2016 constata-se que houve um aumento significativo 1,3% relativamente ao consumo. As anfetaminas são as drogas que apesar de apresentarem percentagens baixas, ainda tem um consumo superior comparativamente aos alucinogénios e à cocaína.

Em finais do século XIX, Portugal encontrava-se no topo dos países da União Europeia, relativamente aos níveis de reclusão por 100.000 habitantes². No contexto europeu, Portugal é o país com uma maior proporção de condenações por crimes de droga e a maior taxa de reclusão feminino (Cunha, 2002).

Numa perspetiva de género, a pobreza afeta sobretudo as mulheres, provocando deste modo sensações de vulnerabilidade à pobreza, o que se traduz em fracos recursos económicos, ausência de contribuições para o regime de segurança social, sentimentos de solidão, abandono, atribuições ao isolamento social/familiar (Instituto Nacional de Estatística, 2001, p.16).

⁵ Fonte: Balsa et al., 2014 et al.,2017/Serviços de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI-DEI

As taxas elevadas de viuvez, a exclusão social, a inatividade, o desemprego (essencialmente em faixas etárias mais jovens), associadas a menores ganhos mensais, leva-as a procurarem fontes alternativas de rendimento (Ferreira, 2015).

Como se pode verificar, a taxa de desemprego dos homens é de 6,4%, sendo este valor inferior à taxa das mulheres que é de 7,1%. Houve assim, uma descida de (1,2%) e (1,0%) respetivamente em relação ao trimestre anterior.

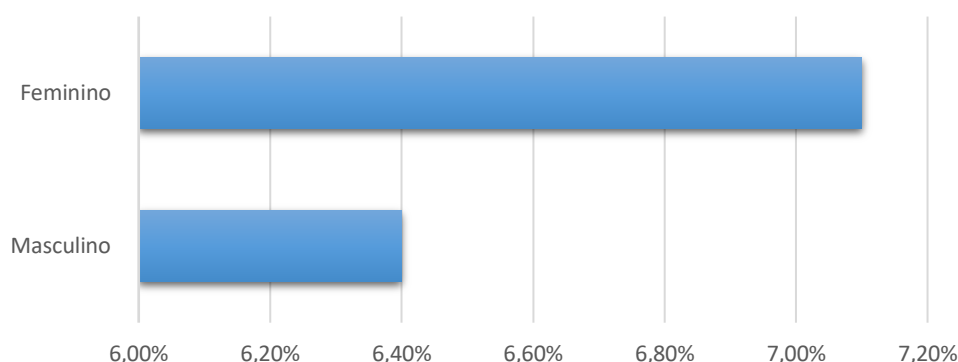


Gráfico 3. Taxa de desemprego, por género, em Portugal, no 2º trimestre de 2018.

O tráfico atrai muitas mulheres, sendo apresentado como uma estrutura de oportunidade, que podem investir para a obtenção de rendimentos extra (Cunha, 2002).

Para além do objetivo em obter rendimentos extra, existem outros fatores que influenciam no envolvimento no tráfico de droga, nomeadamente, os relacionamentos amorosos, cujo companheiro/marido tem ligação no mundo do tráfico. Deste modo, as mulheres tornam-se cúmplices e parceiras de negócio, uma vez que passam despercebidas perante as diferentes autoridades, caracterizando-se como “mulas de droga”. Nestas situações, raramente assumem qualquer tipo de papel de liderança ou tomada de decisão (Ferreira, 2015).

Outro fator para a adesão das mulheres no tráfico de droga, deve-se ao desejo que têm em assumir um status ligado ao poder e ao controlo. Este desejo surge devido, principalmente às mudanças de mentalidade, emancipação da mulher, levando-as à procura do poder, ambição e adrenalina (Souza, 2006).

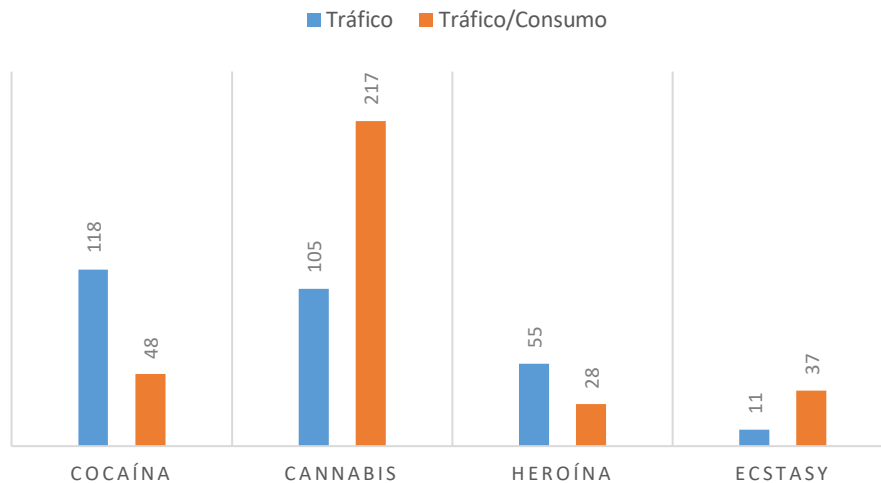


Gráfico 4. Intervenientes do género feminino, por atividade, em Portugal, no ano de 2017.

No gráfico 4, verifica-se que a cannabis é a droga de eleição para o género feminino, uma vez que ao nível do consumo/tráfico é a que tem valores mais elevados. Quanto à cocaína e heroína, estas já são drogas mais específicas para o tráfico do que propriamente para o consumo. O ecstasy tem número mais elevados no tráfico/consumo do que em comparação com o consumo exclusivo.

O tráfico de droga como tem vindo a ser evidenciado pode também surgir da influência de sentimentos negativos, frustrações, distúrbios psicológicos, historial de maus tratos, abusos sexuais, institucionalizações (Duarte & Carvalho, 2013).

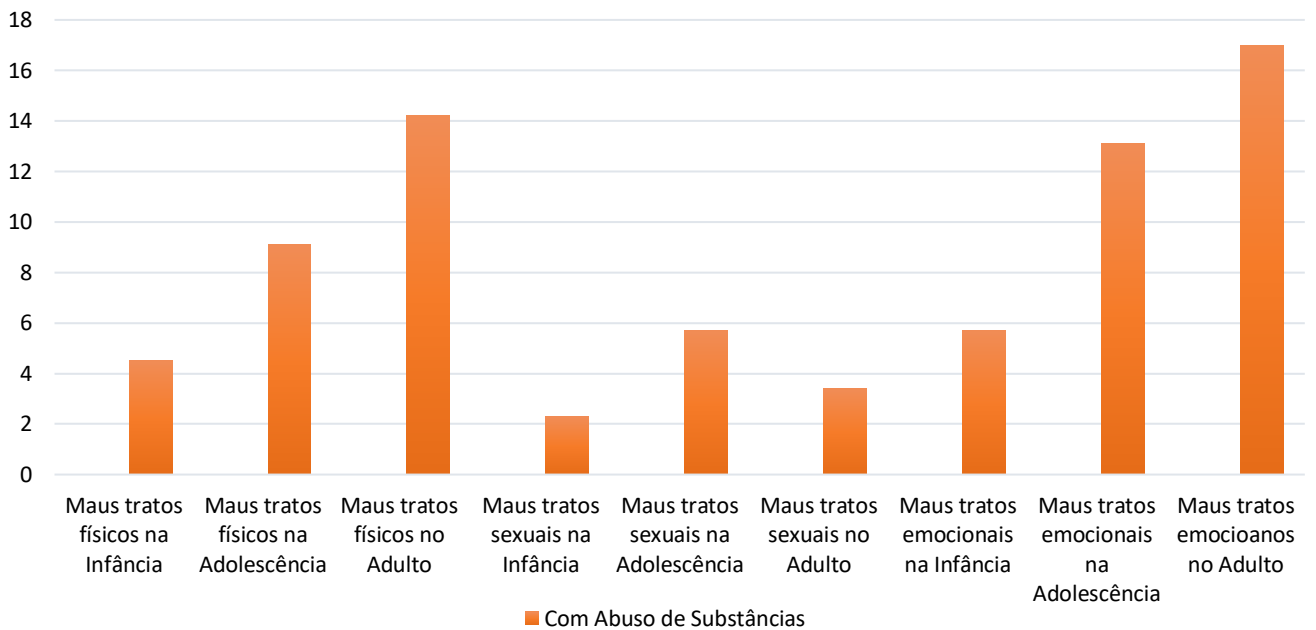


Gráfico 5. Maus tratos físicos, sexuais e emocionais durante a infância, adolescência e a idade adulta das reclusas nos EP Portugueses.

O gráfico 6, retrata os abusos, tanto físicos, como sexuais e emocionais das reclusas que se encontram nos EP's Portugueses, nas diferentes fases da vida. Verifica-se que na infância e adolescência os maus tratos sofridos por estas mulheres são mais ao nível emocional, enquanto que na fase adulta, a predominância são os maus tratos físicos.

4. Toxicodependência, Reclusão e Maternidade

Geralmente, o consumo de drogas associa-se a situações de vida difíceis como a pobreza, a instabilidade profissional, a marginalização e alguns problemas judiciais (Polónio, 2000).

Quando o toxicodependente se torna pai ou mãe, a dependência de substâncias pode comprometer a parentalidade e a própria saúde mental dos filhos na infância e adolescência (Lawless & Murphy, 2000).

Segundo Limede (2014), a transição para a parentalidade acontece, muitas vezes, num período ou numa situação de vida imprevisível e em contextos menos favoráveis, com alterações significativas na vida dos pais. Sempre que os progenitores não asseguram os requisitos básicos das necessidades da criança, estamos perante uma situação considerada como perigosa, sendo que os filhos das mães toxicodependentes pertencem a essa categoria.

Diversos estudos apontam que o comportamento parental nos toxicodependentes caracteriza-se, geralmente, como perturbado, sendo deficiente, frágil e com consequências nefastas para a criança e a sua relação com os pais (Mayes & Truman, 2002).

O equilíbrio emocional da criança depende em grande medida de um comportamento parental adequado, isto é, da sensibilidade dos pais na interação com os filhos, da capacidade para perceberem os seus desejos e necessidades, manifestas ou não, tal como, atenderem às mesmas, oportunamente ao longo das diferentes fases do desenvolvimento (Pires, 2001).

A capacidade de cuidar de um filho pode ser influenciada por fatores como a continuação do consumo na gravidez e maternidade, a que se associam as características da personalidade e a perceção que a mãe tem, realista ou distorcida, do comportamento da criança e/ou por um estilo de vida marcado pelo stress, isolamento, dificuldades económicas e problemas legais (Xavier & Paúl, 1997).

Diversos estudos comprovam que “as mães que abusam de substâncias apresentam alterações do seu comportamento parental, revelando-se mais agressivas e intrusivas”. Acrescem também que estas mães toxicodependentes,

têm dificuldades em manter funções parentais organizadas, protetoras, satisfatórias, bem como um ambiente de cuidados parentais apropriados (Barnard & Mckeganey, 2004, p.87). De acordo com Beker (1999) a lacuna científica existente relaciona-se com o modo como as mães percebem os efeitos do abuso de substâncias sobre a sua competência parental. Os poucos estudos que existem relevam que as mães têm consciência dos efeitos negativos do abuso de substâncias nos seus filhos, mas descrevem práticas indicadoras de que se sentem capazes enquanto mães.

Para Davis (2012), o abuso de drogas muitas vezes é entendido como uma crise no desenvolvimento, no entanto, a maternidade toxicodependente pode representar um “momento-chave” para o tratamento e a mudança. O que acontece, frequentemente, é a incompatibilidade das exigências das funções parentais, traduzida na sua necessidade de ser maternalizada que conflitua com o autêntico desejo de ser mãe. Assim, a principal dificuldade da mãe toxicodependente é sentir o seu bebé, percebê-lo e ser capaz de estar atenta às reais necessidades e capacidades do mesmo. Na verdade, muitas colocam-nos em situações de fragilidade e insegurança, pois confrontam-se com a necessidade de cuidar de alguém, quando na realidade precisavam de ser cuidadas” (Barroso & Salvador, 2007).

Existem algumas características comuns às mães toxicodependentes, e estas prendem-se com o não reconhecimento da gravidez, a falta de consciência e sensibilidade às transformações do corpo, evidenciando uma identidade feminina perturbada no contexto de uma complexidade na identificação e dificuldade de confrontação com o bebé (Brito (2001).

Anthony (2010) afirma que o abuso de substâncias ilícitas durante a gravidez é considerado um problema de saúde pública, devido aos potenciais efeitos de curto/longo prazo no desenvolvimento do bebé/criança. E é nestas famílias, em que as mães são consumidoras destas substâncias que existe uma grande percentagem de casos de negligência parental. O bebé/criança muitas vezes passa a viver afastado da mãe biológica e o seu lar passa a ser a casa de familiares, amigos ou então, casas de acolhimento (Mayes & Truman, 2002).

O Observatório Europeu da Droga e Toxicoddependência realça que a utilização de drogas é incompatível com o papel parental, sendo a maternidade um elemento fundamental. O que acontece com alguma regularidade, de acordo

com estudo do OEDT (2011) é que como as mulheres receiam serem consideradas “mães inaptas” e eventualmente, poder vir a perder os próprios filhos, decidem ingressar nos devidos tratamentos.

Tem-se verificado que uma grande parte das mulheres reclusas são mães e tem filhos dependentes (Cunha, 2002, cit in Fonseca, 2010). São várias as possibilidades que estas mulheres têm quando isto acontece, nomeadamente, a família assegurar os cuidados à criança, ficarem com as progenitoras na prisão (caso a idade seja inferior a 5 anos) ou então ficar numa instituição durante o tempo de reclusão. Muito frequentemente, estas crianças ficam aos cuidados de familiares, que costumam ser os avós (Granja, Cunha & Machado, 2012). A decisão por parte das mulheres, relativamente à permanência das crianças é uma decisão complexa, uma vez que têm que fazer um balanço entre as vantagens e desvantagens (Quno, 2008).

Existem algumas perspetivas quanto à permanência da criança numa prisão. Numa primeira abordagem, de acordo com Cunha (1994), é difícil proporcionar a uma criança numa prisão um ambiente saudável, estando a relação da mãe-criança condicionada pela dinâmica pessoal, sem deixar de mencionar o ambiente agressivo, conflituoso, demasiado barulhento e agitado.

A outra perspetiva defende que a criança não se deve desvincular da figura maternal numa idade precoce, mesmo significando que a mesma tenha de estar na prisão, uma vez que a relação afetiva com a mãe é fundamental para o desenvolvimento, tanto motor como psicológico (Serras & Pires, 2004). Nestes casos, muitas vezes conseguem proporcionar ambientes mais seguros e estáveis dentro da prisão do que cá fora (Serras & Pires, 2004).

Parte II – Objetivos e Metodologia

No presente capítulo irão ser abordados os procedimentos desenvolvidos para a realização das diferentes fases da investigação.

Inicialmente, foi feita uma aprofundada revisão da literatura de forma a possibilitar um quadro teórico de referência viável, tendo em vista a formulação de questões de investigação, assim como, a definição dos objetivos. Esta envolveu o levantamento e seleção da bibliografia, com pesquisas em bases de dados, motores de pesquisa, bibliotecas de instituições do ensino superior, entre outros. Após a realização da parte teórica, fundamental para o enquadramento do tema em estudo, definiu-se a sua metodologia.

Dessa forma, esta parte é fulcral para a compreensão e concetualização da investigação em causa.

1.1 Objetivo Geral

O objetivo principal deste trabalho incidiu na abordagem a mães com trajetórias ligadas com a droga, seja por consumo ou por tráfico, em situação da reclusão, visando explorar:

- a forma como estabeleceram a ligação com a droga durante o respetivo percurso de vida;
- a forma como a toxicodependência (seja por consumo ou tráfico) influenciou o exercício do seu papel parental;
- diferentes tipos de dificuldades que encontram na sociedade.

A partir destes objetivos, foi elaborado um guião de entrevista semiestruturada, cujo conteúdo recaiu na ligação que cada uma estabeleceu com a droga, a relação dos seus familiares/amigos com a droga, a representação de si própria e a relação com os descendentes.

1.2 Amostra

A amostra em estudo é de conveniência, realizada a partir de uma listagem referente a mães com percursos relacionados com a droga no Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo Feminino.

É constituída por 13 participantes, do sexo feminino, 10 são de nacionalidade portuguesas, duas venezuelanas e uma brasileira (tabela 4). As idades das reclusas entrevistadas estão compreendidas entre os 22 e os 49 anos. Oito das reclusas são solteiras, uma casada, três divorciadas e uma viúva. A tipologia de crimes pelos quais estão condenadas incide no tráfico de droga, sendo que este é o crime pelo qual 9 mulheres condenadas. Existe também uma reclusa por roubo, 1 por furto qualificado, uma por homicídio simples e É de considerar que, inerentes aos roubos/furtos por que estas mulheres foram condenadas, está o consumo de estupefacientes.

Ao nível de consumo, são sete as mulheres que não têm qualquer tipo de consumo de substâncias ilícitas e outras seis que tiveram consumos por determinados períodos de vida.

Em relação aos filhos, todas as mulheres entrevistadas têm filhos, três têm atualmente um dos filhos a viver com elas dentro da prisão, visto que a idade dos mesmos é inferior a cinco anos. Existe uma reclusa que à, sensivelmente dois meses antes de participar no presente estudo, se separou da filha que se encontrava com ela no EP. Esta, após completar os cinco anos, foi encaminhada para uma instituição, uma vez que não dispunha do enquadramento familiar necessário.

Tabela 4. Características individuais das reclusas entrevistadas

Reclusa	Idade	Nacionalidade	Estado Civil	H. Literárias	Filhos	T. Consumo	Pena	Crime
Maria	23	Brasileira	Solteira	8º ano	2	S/Consumo	1 a 8 m	T.Estupefacientes
Constança	27	Portuguesa	Casada	8º ano	1	Haxixe	6 a 10 m	Roubo
Teresa	41	Portuguesa	Divorciada	S/Escola	2	Cocaína e Haxixe	5 anos	T.Estupefacientes
Mariana	49	Portuguesa	Divorciada	S/Escola	2	S/Consumo	9 anos	T.Estupefacientes
Diana	43	Venezuelana	Solteira	C. Profissional	1	S/Consumo	4 anos	T.Estupefacientes
Patrícia	26	Venezuelana	Solteira	8º ano	2	S/Consumo	4 anos	T.Estupefacientes
Ana	33	Portuguesa	Solteira	7º ano	2	Heroína e Cocaína	1 a 10 m	Furto
Margarida	49	Portuguesa	Divorciada	10º ano	1	Heroína e Cocaína	4 anos	Falso Testemunho
Beatriz	28	Portuguesa	Solteira	10º ano	1	Heroína e Cocaína	3 a 6 m	T.Estupefacientes
Joana	44	Portuguesa	Viúva	9º ano	2	S/Consumo	1 a 10 m	T.Estupefacientes
Bianca	46	Portuguesa	Solteira	Licenciada	2	Heroína e Cocaína	Prisão Preventiva	T.Estupefacientes
Catarina	36	Portuguesa	Solteira	C. Profissional	3	S/Consumo	11 anos	Homicídio
Marlene	22	Portuguesa	Solteira	S/Escola	2	S/Consumo	5 anos	T.Estupefacientes

1.3 Procedimento

Para que fosse possível a recolha de dados no EPSCB, elaborou-se um pedido de autorização à DGRSP. Após a aceitação da autorização, entrou-se em contato com a jurista do EP de forma a agilizar o processo. Elaborou-se um pedido de autorização para a entrada do computador e do gravador de áudio.

Juntamente com a jurista e com um elemento da equipa de reinserção do EP, selecionou-se depois a amostra conveniente para o estudo em causa, com base nos critérios de inclusão e exclusão definidos.

Assim que a amostra foi determinada, realizou-se uma análise dos processos individuais de cada reclusa. Essa análise consistia em conhecer a tipologia de crimes que as levaram a reclusão, bem como o historial criminal e familiar. Nesta análise, foi também importante evidenciar, o número de filhos que tinham e a situação atual dos mesmos, ou seja, onde estavam e com quem estavam.

Seguidamente, as reclusas foram chamadas intencionalmente pelas guardas prisionais. Foram-lhes explicados os objetivos do estudo e, caso houvesse manifestação de disponibilidade de colaboração, pedia-se assinatura do consentimento informado, onde se garantia o anonimato e a confidencialidade dos dados, tal como a gravação em áudio das entrevistas.

Algumas entrevistadas, nomeadamente três, assinaram o consentimento informado, no entanto, pediram para não se realizar a gravação, alegando que não se sentiriam à confortáveis.

A metodologia a adotar neste estudo foi a qualitativa, uma vez que, a mesma permite a descrição e análise de ações, interações e diálogo do público alvo.

Parte III – Apresentação, Análise e Discussão de Resultados

A análise do conteúdo do tema em causa, enquadra-se na categoria dedutiva, dado que os temas centrais foram formulados no decorrer da análise exploratória, isto é, da análise dos processos e das entrevistas, sendo posteriormente constatados pela revisão da literatura (Azevedo, 2016).

Após a análise das entrevistas, surgiram três temas centrais: i) a forma como estabeleceram a ligação com a droga durante o respetivo percurso de vida; ii) a forma como toxicoddependência (seja consumo ou tráfico) influenciou o exercício do papel parental; iii) os diferentes tipos de dificuldades que encontram na sociedade.

No primeiro tema surgem os motivos pelos quais estas mulheres entraram no crime, a sua história pessoal, historial familiar, grupo social e condições socioeconómicas na base da sua relação com o mundo das drogas. O segundo tema incide no âmbito da relação com os filhos, do seu papel parental e na forma como a relação com as drogas poderá ter interferido no exercício das competências parentais da mulher toxicoddependente e/ou traficante. O terceiro tema surge para compreender como é que a toxicoddependência e posteriormente a reclusão influenciaram no percurso de vida, desde a ligação com a família, os amigos, assim como também a forma como sentem que a sociedade as olha e as trata.

Análise e Discussão de Resultados

A forma como estabeleceram a ligação com a droga durante o respetivo percurso de vida

São várias as razões que estas mulheres realçam para se associarem ao mundo do crime, nomeadamente:

- As necessidades financeiras:

“Estávamos numa fase complicada e o dinheiro não estava a chegar para pagar todas as despesas” (Maria⁶, 23 anos).

“Só que as coisas mesmo assim começaram a faltar. E eu pensei, se é assim as coisas não faltam mais, e comecei nos assaltos pelas necessidades” (Constança, 27 anos).

“Foi pela necessidade” (Mariana, 49 anos).

“...ia fazendo furtos em supermercados para tentar sobreviver” (Beatriz, 28 anos).

Teorias confirmam que, mulheres reclusas são maioritariamente provenientes de subúrbios urbanos e bairros sociais, sendo o contexto onde vivem um fator estimulante no envolvimento de substâncias ilícitas, para que assim consigam colmatar as dificuldades que passam (Cunha, 2002).

Deste modo, a realização de estudos em ambientes sociais desfavorecidos, caracterizados por números insuficientes de acessos a oportunidade legítimas e a facilidade de acesso a oportunidade ilegítimas, favorecem os percursos desviantes (Maher, 2002).

⁶ Nomes fictícios das entrevistadas.

- A falta de oportunidades

“Eu lá fora já tive que me passar por brasileira, porque senão não me davam trabalho” (Mariana, 49 anos).

“Eu estava num estado e o meu filho noutra. A minha outra tia cuidava dele, e dizia-me que as coisas estavam a ficar cada vez mais complicadas e foi aí que me fizeram a proposta” (Maria, 23 anos).

A ligação entre a prisão e a vida familiar insere-se sobretudo no contexto das desigualdades sociais, junto das periferias urbanas economicamente fragilizadas (Carvalho, 2010; Cunha, 2002).

A rutura/enfraquecimento dos vínculos sociais, a reação social e a consequente estigmatização também têm um papel fundamental na potencialização à prática de outros atos ilícitos, uma vez que acabam por levar o indivíduo a afastar-se cada vez mais das normas e valores estabelecidos pela sociedade (Moreira & Sousa, 2018).

Porém, os ambientes sociais desfavorecidos não são constituem por si só o elemento determinista e inelutável no mundo do crime, sendo que o indivíduo detém a capacidade de avaliar e decidir (Maher, 2002).

- A fragilização dos vínculos familiares/sociais

“A relação com a minha mãe não era muito boa, ela só pensava em dinheiro, o pouco que eu ganhava ela pedia-me...com o meu pai, eu nunca tive ligação” nasceu fruto de uma relação extraconjugal (Maria, 23 anos).

“Sempre me senti muito rejeitada pela minha família” (Maria, 23 anos).

“A minha irmã foi para a Suíça, e os meus primos também... como a nossa relação era boa, eu vi-me sozinha e isolei-me” (Constança, 27 anos).

“Todos os meus irmãos eram consumidores” (Teresa, 41 anos),

*“Foi principalmente com o meu grupo de amigos que iniciei os consumos”
(Ana, 33 anos);*

“Naquela altura, eu só fumava haxixe, só que o meu namorado não queria que eu fumasse aquilo, até que me apresentou a branca e o pó” (Beatriz, 28 anos).

Os percursos de vida das mulheres reclusas, tendem a associar-se a situações de pobreza, baixos níveis de escolaridade, exclusão social, falta de habitação adequada, registos criminais, violência sexual/física, abuso de substâncias, problemas mentais de saúde e monoparentalidade (Matos, 2006).

As famílias das transgressoras são, geralmente, oriundas de estratos mais desfavorecidos hierarquicamente, nivelados pela pobreza, marginalização, discriminação social (Fernandes, 2010).

O ambiente onde as pessoas estão inseridas também influencia as suas escolhas, comportamentos e atitudes. Estudos sobre a mulher enquanto consumidora ou traficante referem que a sua participação é conjugada com o envolvimento em relações, como com o companheiro, irmão, vizinho, amigo, sendo mais difícil encontrar situações onde aparecem sozinhas ou a partir de escolhas pessoais (Souza, et al., 2014).

Desta forma, são várias as explicações para justificar o envolvimento destas mulheres em atividades criminais, especialmente relacionadas com o consumo e o tráfico de drogas. A estas razões, Carvalho (2013) traduz outros argumentos que foram expostos pelas participantes neste estudo, nomeadamente: os sentimentos negativos, as frustrações, os distúrbios psicológicos, historial de maus tratos, abusos sexuais, institucionalizações, entre outros.

A forma como a toxicodependência (seja consumo ou tráfico) influencia
no papel parental

Sabe-se que a toxicodependência tem efeitos a vários níveis no consumidor, nomeadamente a nível mental e físico (Martins & Muchata, 2010).

“O problema é quando eu consumia, eu não conseguia conduzir e ficava totalmente desligada” (Constança, 27 anos).

“... vendia praticamente tudo para comprar droga” (Teresa, 41 anos).

“...eu sabia que não era uma pessoa normal, que estava doente” (Ana, 33 anos)

“... só me lembro de acordar ao outro dia rodeada de seringas e para acabar com a minha ressaca tive que me injetar com o que havia lá” (Beatriz, 28 anos).

A problemática da toxicodependência catalisa problemas do foro relacional, social e económico, que se repercute negativamente nas relações familiares, e mais especificamente na parentalidade (Granja, 2013).

Deste modo, quando existe um envolvimento com a droga, tanto pelo consumo como pelo tráfico, verifica-se uma determinada dificuldade em manter as funções parentais organizadas, protetoras e satisfatórias (Almeida, 2001 cit in McMahon & Rounsaville, 2002). Com falta de recursos pessoais, estas mulheres acabam por colocar os seus filhos em situações de fragilidade e insegurança (Barroso & Salvador, 2007).

“Eu não queria ouvir nem um nem outro. Naquele momento o sofrimento era tanto que não ouvia ninguém” (Teresa, 41 anos).

“A minha irmã assim que se apercebeu que andava a consumir outra vez, tirou-me a minha filha” (Margarida, 49 anos).

“Eu sei que do meu primeiro filho não fui mãe, não tive presente, não o vi crescer, e ele até chama de mãe a minha tia” (Maria, 23 anos)

Todavia, tal não impede que algumas destas mulheres se caracterizem como “boas” mães, independentemente dos aspetos negativos das suas

situações e percursos de vida, considerando que acabam por ser um exemplo para os filhos, daquilo que não se deve seguir.

“Sempre abri o jogo com eles...tive e tenho uma boa relação...” salientando que “... confiavam e confiam em mim” (Mariana, 49 anos).

“É preciso ter o apoio das pessoas que mais amamos e saber que eu por mais que errasse eles confiam em mim e têm noção que sempre fiz tudo por eles” (Catarina, 36 anos).

“Agora do meu filho, este que está cá dentro comigo, apesar das circunstâncias, nunca lhe faltou nada” (Maria, 23 anos).

Os poucos estudos que existem sobre a toxicodependência na maternidade revelam que a consciência dos efeitos negativos do abuso de substâncias nos filhos não impede que estas mulheres se entendam como mães capazes ou “suficientemente boas”:

“Eu cuido bem dela e tudo, mas eu não me imagino sem a minha mãe” (Constança, 27 anos).

Mas, algumas reconhecem as suas diferenças com eventual repercussão na função parental:

“Eu sinceramente não tenho muito esse estilo de ser mãe, não tenho aquele instinto maternal” (Margarida, 49 anos).

Relativamente à presença ou ausência dos filhos na vida da mulher no período de reclusão, as opiniões divergem.

“Não, ela não tem culpa pelo que fiz” (Constança, 27 anos).

“Fui eu que errei, sou eu que tenho que pagar pelos meus erros” (Ana, 33 anos).

“Eu sei que este ambiente não é bom, mas ele estando aqui está mais seguro do que se estivesse lá fora... e eu também não iria aguentar” (Joana, 44 anos).

“A minha filha fez 5 anos, e teve que ir para uma instituição, mas eu sei que ela estava melhor aqui” (Marlene, 22 anos).

De facto, em Portugal, constata-se que quase todas as mulheres reclusas que são mães e tem filhos dependentes (Cunha, 2002 cit in Fonseca, 2010).

Assim que as mulheres vão para a prisão e simultaneamente estão grávidas ou têm filhos, especulam as diferentes possibilidades para o acolhimento dos seus descendentes. Esta decisão varia, pela retaguarda familiar e pela idade, ponderando, pedir a familiares para assegurarem cuidados à criança, levarem-nas para a prisão, ou então, ficarem numa instituição durante o período de reclusão. Normalmente, o cenário mais frequente, é deixarem aos cuidados dos avós (Granja, Cunha e Machado, 2012).

A permanência das crianças dentro ou fora da prisão é uma decisão bastante difícil, visto que é necessário fazer um balanço dos prós e contras (Quno, 2008).

Há autores que defendem que a criança não se deve desvincular da figura materna, essencialmente numa fase precoce da criança, mesmo que isso implique a permanência da criança na prisão (Serras e Pires, 2004).

Quanto à mãe/reclusa, estas têm a possibilidade de assegurar um ambiente mais seguro, comparativamente ao que constitui a realidade (Serras e Pires, 2004).

Por outro lado, a mãe/reclusa, quando tem a criança junto de si, na prisão, tende a sentir culpa, fracasso e ansiedade, uma vez que, para além de estarem privadas da liberdade, também privam os seus filhos (Silva, 2011).

Diferentes tipos de dificuldade que encontram na sociedade

Só a partir das últimas décadas do século XX se assistiu ao aparecimento de estudos sobre a mulher transgressora (Matos & Machado, 2007). Dessa forma, procurou-se “desconstruir os discursos tradicionais de criminologia sobre a mulher ofensora” (Matos, 2008, p.41). Perante a sociedade, as mulheres que têm problemas com o mundo do crime são consideradas como duplamente desviantes, pelo facto de transgredirem a lei e também os papéis de género estabelecidos pela sociedade (Cunha, 1994). Todavia, os problemas associados ao preconceito dificultam a integração social, mais ainda de minorias.

“O problema cá dentro e lá fora, é umas pagarem pelas outras. Eu lá fora tive que passar por uma brasileira, porque senão não me davam trabalho” (Mariana, 49 anos).

“Vai ser complicado, porque para além de estarmos com as nossas fragilidades, o nosso país está pior” (Diana, 43 anos)

“Não sei como vou fazer, mas sei que lá eu não quero ficar muito tempo, porque sei que corro o risco de voltar a fazer o tráfico (Patrícia, 24 anos)

Em contrapartida, algumas mulheres reclusas não sentem que a sociedade as discrimina.

“Sim, totalmente. Mesmo quando vou lá fora de precária, as minhas vizinhas falam normalmente comigo. Eu sei que fiz muitas asneiras, podia ter feito diferente. Mas eu sempre soube ser uma boa pessoa, uma boa mãe e uma boa dona de casa.” (Constança, 27 anos).

“Não. No meu bairro as pessoas continuam a ser exatamente as mesmas comigo, conhecem-me, preocupam-se...” (Teresa, 41 anos).

Parte IV – Considerações Finais

O mundo está em constante mudança, mais concretamente, ao nível dos direitos entre géneros. Hoje em dia, luta-se por uma igualdade de direitos, onde as mulheres reivindicam pela gestão do património, a valorização do trabalho e o direito à educação.

Assim, tem-se vindo a verificar a emancipação da mulher em vários aspetos, nomeadamente, na toxicodependência e no mundo do crime.

Com a realização deste trabalho, verificou-se que o número de mulheres a ingressar para o mundo do crime tem vindo a aumentar nos últimos anos, e são vários, os fatores que justificam este fenómeno, caracterizado como, criminalidade feminina.

Assim, com este estudo foi possível compreender que existem duas dicotomias para justificar o envolvimento da mulher no mundo do crime. A primeira baseia-se na mulher consumidora, que para colmatar as dificuldades financeiras relativamente ao seu consumo, ingressa na criminalidade como forma de adquirir rendimentos para o efeito. Na outra perspetiva, existe a mulher com dificuldades financeiras, sociais e pessoais que considera o tráfico como uma forma fácil e rápida, e por vezes a última alternativa de sobrevivência.

As mulheres entrevistadas evidenciaram algumas características em comum, como por exemplo, a destruturação familiar, o historial de uso/tráfico de droga no meio onde estão inseridas, seja família ou amigos, e os relacionamentos amorosos, cujo marido/companheiro também tem ligação com a droga.

Relativamente ao foco principal do trabalho, o papel parental, verifica-se que independentemente da respetiva condição e das circunstâncias pelas quais estão a passar, as mesmas têm noção das capacidades e competências que é necessário deter para proporcionar o bem-estar da criança. No entanto, para algumas mães entrevistadas o bem-estar da criança prende-se com o facto de estar em liberdade. Por isso, geralmente, ficam a cargo dos avós ou familiares próximos, uma vez que estes possibilitam uma maior segurança e estabilidade.

Em contrapartida, existem aquelas mães que sentem capacidade de proporcionar um ambiente mais seguro aos filhos, mesmo estando condicionadas pelo meio envolvente, que é a prisão.

Não obstante, esta decisão entre ficar dentro da prisão, junto delas, ou fora, longe delas, é uma decisão que acarreta uma certa, ansiedade, angustia, e que independentemente da decisão que tomam, existe sempre um conjunto complexo de sensações e sentimentos.

Quanto aos diferentes tipos de dificuldades que possam encontrar na sociedade, existe duas perspectivas, as mulheres que afirmam que o facto de estarem presas em nada influencia a forma como a sociedade as avalia. E as outras, que como em tempos, já tiveram experiências negativas, relativamente ao preconceito e discriminação sentem que com a entrada para a prisão, vai condiciona-las na reintegração na sociedade.

Em alguns depoimentos verifica-se que existe uma certa inconsciência do impacto que a reclusão pode causar a longo prazo na vida dos filhos, uma vez que nestas mulheres estão intrínsecos sentimentos, sensações, emoções, vivências distorcidas nas regras normais que a sociedade define.

Para algumas, o papel parental está deturpado, isto porque nunca se idealizaram como mães, e a gravidez foi algo que não foi planeado, sendo difícil adaptar-se a situação, por influência, sobretudo pelo consumo de drogas.

Sendo o papel parental, um ponto bastante concreto e sensível a ser abordar, foi complicado especificar e deter uma perspectiva ideal para configurar e uniformizar a importância do mesmo.

Ao nível académico, o estudo em causa está em voga, o que é importante abordar mais aprofundadamente a mulher enquanto reclusa, as repercussões que carrega na reintegração social.

Em suma, foi uma aprendizagem pessoal bastante enriquecedora, pelas histórias, vivências, experiências de vida apresentadas, que fizeram com que a ideia de determinados acontecimentos que surgem ao longo da vida acaba-se por ter outro sentido e ser-lhe dado outro valor.

Bibliografia

- Aguilár Risca dos Santos Inácio, A. C. (2013). Reclusão infantil ou liberdade sem mães: Vantagens ou desvantagens. Dissertação de mestrado. Universidade do Minho. Acedido em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/27106/1/Ana%20Cl%C3%A1udia%20de%20Aguilar%20Risca%20dos%20Santos%20In%C3%A1cio.pdf>
- Almeida da Silva Cruz, L.M. (2012). Competências parentais na amamentação: contributos para um modelo de supervisão clínica em enfermagem. Dissertação de mestrado. Escola Superior de enfermagem do Porto. Acedido em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/9332/1/Compet%C3%A2ncias%20Parentais%20na%20Amamenta%C3%A7%C3%A3o.%20Contributos%20para%20um%20Modelo%20de%20Supervis%C3%A3o%20Cl%C3%ADnica%20em%20Enfermagem.pdf>
- Anica, A. (s. d.). Representações da violência criminal feminina em Portugal no discurso antropológico oitocentista. Acedido em <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/1494/1/crespo2.pdf>
- Canazaro de Mello, D. (2014) A prisão feminina: Gravidez e maternidade – um estudo da realidade em Porto Alegre – RS/Brasil e Lisboa/Portugal. Dissertação de doutoramento. Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil. Acedido em <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4262/1/459044.pdf>
- Cardoso, S., Manita, C. (2004). Mulheres toxicodependentes: O género na desviância. *Revistas Toxicodependências*. 10. 2. 13-25. Acedido em http://www.sicad.pt/BK/RevistaToxicodependencias/Lists/SICAD_Artigos/Attachments/133/2004_02_TXT2.pdf
- Cardoso de Sousa, F., Abrão, A. M. (2008). Criminalidade e toxicodependência no Algarve: um estudo exploratório. Acedido em https://www.gaim.pt/publicacoes/pub_4/Teoria.pdf
- Conduto, I. (2017). Caracterização e evolução da situação – oferta: reclusões. Acedido em http://www.sicad.pt/BK/EstatisticaInvestigacao/InformacaoEstatistica/Oferta/Lists/SICAD_OFERTAS/Attachments/3/Caracterizacao_E_Evolucao_situacao.pdf

- Cardoso, S. (2004). Mulheres Toxicodependentes. Género e desviância. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Correia, V. (2015). Parentalidade e toxicodependência: o caso da paternidade. Dissertação de mestrado. Universidade Católica do Porto). Acedido em https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/20550/1/Dissertac%CC%A7a%CC%83o_Vero%CC%81nica%20Correia.pdf
- Cunha, M (2002). O bairro e a prisão: a erosão de uma fronteira. NEA - Livros e Capítulos de Livros. Celta.
- Da Silva Alexandre, T. R. (2008). À procura do esquecimento: a mulher toxicodependente e as relações parentais. Dissertação de mestrado. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Acedido em <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/4793/1/11807.pdf>
- Das Dores Matos Moreira, P. (2013). Toxicodependência no feminino: perceções de consumidoras de substâncias a respeito do seu percurso. Dissertação de mestrado. Universidade Fernando Pessoa. Acedido em <https://core.ac.uk/download/pdf/61016198.pdf>
- Dos Santos Castanho, A. C. (2015) A experiência de ser mãe na prisão. Dissertação de mestrado. ISPA. Acedido em <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/4211/1/19992.pdf>
- González-Alcaide, G., Agulló-Calatayud, V., Fernandes, L., Valderrama-Zurián, J. (2009). A investigação sobre toxicodependência em Portugal: produtividade, colaboração científica, grupos de trabalho e âmbitos de investigação abordados. Revista toxicodependências 15. 2. 13-34 Acedido em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56441/2/84269.pdf>
- Guerreiro da Palma Afonso, O. M., (2005). Mães e crianças em contexto prisional. Dissertação em doutoramento. Universidade Aberta. Acedido em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/767/1/LC198.pdf>
- <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/25500?mode=full>
- Lapão de Azevedo Campos, M. (2015). Avaliação da eficácia de um programa de intervenção em indivíduos toxicodependentes institucionalizados. Dissertação de mestrado. ISMAI. Acedido em <https://repositorio.ismai.pt/bitstream/10400.24/389/1/tese%20madalena.pdf>

- Macedo, E. (2006). Representações sociais do toxicodependente. Revista Sinais Vitais. 89. 18-21. Acedido em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29621/1/Artigo%20Revista%20%20Sinais%20Vitais%20.pdf>
- Martins, A. C. (2002). Famílias: O tempo parado na (Toxico)dependência. Revista toxicodependências. 8. 2. 63-70. Acedido em http://www.sicad.pt/BK/RevistaToxicodependencias/Lists/SICAD_Artigos/Attachments/287/2002_02_TXT7.pdf
- Matos, R.(2008). Vidas raras de mulheres comuns: percursos de vida, significações do crime e construção da identidade em jovens reclusas, Coimbra: Almedina.
- Matos, R & Oliveira, A. (2002). Estudo de caraterização da prostituição de rua no Porto e Matosinhos. Porto: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Matos, R., Machado, C. (2007). Reclusão e laços sociais: discursos no feminino. A prisão, o asilo e a sua análise social, XLII. Análise Social. 42. 185. 1041-1054. Acedido em https://www.jstor.org/stable/41012765?seq=1#page_scan_tab_contents
- Medeiros, K., Maciel, S., Alexandre, J. (2018). Mulher toxicodependente e as suas representações: um estudo comparativo entre Brasil e Portugal. Actas do 12º congresso nacional de psicologia da saúde. Lisboa: Instituto Universitário. Acedido em <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/6219/1/12CongNacSaude503.pdf>
- Ministério da Justiça (2004). Relatório Final da Comissão de Estudo e Debate da Reforma do Sistema Prisional.
- Moutinho Santos, M. J. (s.d). A prisão – Um lugar dos «outros»: revistando a cadeia da relação do porto (1925-1933) A propósito do Capitão Tito Livio Cameira. Acedido em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13668.pdf>
- Muchata, T., Martins, C. (2010). Impacto da toxicodependência na parentalidade e saúde mental dos filhos – Uma revisão bibliográfica. Revista toxicodependências, 16, 1, 47-56. Acedido em http://www.sicad.pt/BK/RevistaToxicodependencias/Lists/SICAD_Artigos/Attachments/492/Text4Vol16_n1E.pdf

- Pereira de Andrade, V. R. (s.d.). Sexo e gênero: a mulher e o feminino na criminologia e no sistema de justiça criminal. Acedido em http://www.geocities.ws/criminologia.critica/artigos/sexo_genero.pdf
- Pimenta, A., Rodrigues, M. (2006). Redução de danos: prostituição e toxicodependência. *Revistas toxicodependências*. 12. 1. 49-54. Acedido em http://www.sicad.min-saude.pt/BK/RevistaToxicodependencias/Lists/SICAD_Artigos/Attachments/60/2006_01_TXT6.pdf
- Rachinhas da Silva Guimarães, A.C. (2015). Reclusão feminina: maternidade e nacionalidade. Dissertação de mestrado. Universidade católica portuguesa. Acedido em <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/18014/1/Reclus%C3%A3o%20Feminina-%20Maternidade%20e%20nacionalidade-%20Carolina%20Guimar%C3%A3es.pdf>
- Rebelo, J. (2008). Relações familiares e toxicodependência. (Tese de mestrado). Universidade de Coimbra. Acedido em <https://estudogeral.sib.ucp.pt/bitstream/10316/11784/4/TESEJoanaMRebelo.pdf>
- Relatório Anual (2017). Combate ao Tráfico de Estupefacientes em Portugal. Secção Central de Informação Criminal. Polícia Judiciária. Acedido em: <https://www.policiajudiciaria.pt/wp-content/uploads/2018/03/Relat%C3%B3rio-ANUAL-2017-vers%C3%A3o-digital.pdf>
- Relatório Anual (2017). A situação do país em matéria de drogas e toxicodependências. Serviços de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências. Acedido em: http://www.sicad.pt/BK/Publicacoes/Lists/SICAD_PUBLICACOES/Attachments/129/Relatorio_Anual_2016_%20ANEXO_A_SituacaoDoPaisEmMateriaDeDrogas_e_Toxicodependencias.pdf
- Ribeiro, M (2013) *Cherchez les Femmes: Uma análise sociológica da população prisional feminina portuguesa*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras, Porto.
- Rocha de Souza, M. R., Freitas de Oliveira, J., Rosendo do Nascimento, E. A saúde de mulheres e o fenómeno das drogas. *Revistas brasileiras Texto & Contexto Enfermagem*, vol. 23, núm. 1, pp. 92-100 Universidade Federal de

Santa Catarina Santa Catarina, Brasil. Acedido em <http://www.redalyc.org/pdf/714/71430666011.pdf>

- Serras, D. & Pires, A. (2004). Maternidade atrás das grades: Comportamento parental em contexto prisional. *Análise Psicológica*, 2 (XXII), 413-425.
- Silva, E. (2011). Maternidade atrás das grades. *Enfermagem em foco*, 2 (1), 33-37.
- Rosenbaum, M. (1981). *Womem on Heroin*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.
- O.E:D.T. comunicado da agência europeia de informação sobre droga. (2000). As mulheres consumidoras de drogas são mais estigmatizadas do que os homens. Acedido em http://www.emcdda.europa.eu/system/files/attachments/1498/PT_pr06_ar00_women_pt.pdf
- Vitória Moreno, A., Tomé de Sousa, T. (2008). A prisão no feminino: trajetórias e perfis das reclusas de Tires. Acedido em https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR492544cd35be7_1.pdf
- Vold, George; Bernard, Thomas; Snipes, Jeffrey (2002), "Gender and crime", in Vold et al. (eds.), *Theoretical Criminology*. Nova Iorque: Oxford University Press, 267-282.
- Walby, Sylvia (1990), *Theorizing Patriarchy*. Cambridge, MA: Basil Blackwell.
- Granja, R., Cunha, M & Machado, H (2010). "Reclusão feminina e processos de reconfiguração familiar". Dissertação de Doutoramento, Universidade de Coimbra, Portugal.

Anexos

Anexo I- Pedido de autorização

Pedido de autorização

Título do projeto: O papel parental da mulher consumidora de droga.

Local para administração das entrevistas: Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo Feminino.

Objetivo: A problemática principal desta temática incide na mulher enquanto toxicod dependente e mãe, sendo importante perceber as perspectivas que as mães com percursos de toxicod dependências têm sobre o exercício do seu papel parental. Este estudo será realizado no âmbito do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade.

Metodologia:

- **Participantes:** Para este estudo serão recrutadas aproximadamente 10 reclusas (Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo). Os critérios de inclusão neste estudo incidem em mulheres/mães que tiveram ou ainda têm ligação com o consumo/tráfico de droga, sendo importante existir uma versatilidade quanta às idades.

- **Instrumentos/medidas:** Neste estudo será feita uma entrevista semiestruturada, com a uma duração estimada de 30min.

- **Procedimento:** As entrevistas serão efetuadas no Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo, de forma individual. No início de cada uma das sessões serão fornecidos às participantes informações relacionadas com os objetivos da investigação, com a natureza voluntária, anónima e confidencial da participação das mesmas, solicitando-se o seu consentimento informado escrito. Por motivos de estratégia de análise as entrevistas serão gravadas em áudio.

Anexo II – Consentimento Informado

CONSENTIMENTO INFORMADO

Título do estudo: “O papel parental da mulher, enquanto consumidora de droga”.

O tema acima mencionado, será realizado no âmbito do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade. O objetivo do mesmo consiste em incidir no papel parental da mulher enquanto mãe e toxicodependente, sendo importante perceber as perspetivas que as mulheres/mães com percursos relacionados com a droga (consumo/tráfico) têm sobre o exercício do seu papel parental.

O estudo será realizado através de uma entrevista gravada, sendo que a recolha dos dados será pelo processo escrito e pela entrevista já elaborada.

Na entrevista abordar-se-á a ligação que têm com a droga, a relação que os seus amigos/familiares têm com a droga, a forma como se vê e sente que é vista e, por fim a relação que tem com o(s) seu(s) filho(s).

A duração da entrevista será de aproximadamente 30 minutos, com o local ainda a definir. As gravações serão apenas feitas, para efeitos de estudos e assim que a mesma for transcrita será eliminada.

A entrevista é de carácter voluntária, e a utilização dos dados recolhidos será confidencial e anónima.

Por favor, leia com atenção a informação acima transcrita e se não concordar com alguma coisa, não hesite em falar.

Caso concorde com a proposta que lhe foi feita pode assinar no respetivo local.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Tânia Oliveira – Aluna do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade –
Universidade do Minho.

Assinatura de quem pede consentimento _____
declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: ___ / ___ / _____

Anexo III – Autorização do Consentimento Informado

CONSENTIMENTO INFORMADO

Título do estudo: “O papel parental da mulher, enquanto consumidora de droga”.

O tema acima mencionado, será realizado no âmbito do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade. O objetivo do mesmo consiste em incidir no papel parental da mulher enquanto mãe e toxicodependente, sendo importante perceber as perspetivas que as mulheres/mães com percursos relacionados com a droga (consumo/tráfico) têm sobre o exercício do seu papel parental.

O estudo será realizado através de uma entrevista gravada, sendo que a recolha dos dados será pelo processo escrito e pela entrevista já elaborada.

Na entrevista abordar-se-à a ligação que têm com a droga, a relação que os seus amigos/familiares têm com a droga, a forma como se vê e sente que é vista e, por fim a relação que tem com o(s) seu(s) filho(s).

A duração da entrevista será de aproximadamente 30 minutos, com o local ainda a definir. As gravações serão apenas feitas, para efeitos de estudos e assim que a mesma for transcrita será eliminada.

A entrevista é de carácter voluntária, e a utilização dos dados recolhidos será confidencial e anónima.

Por favor, leia com atenção a informação acima transcrita e se não concordar com alguma coisa, não hesite em falar.

Caso concorde com a proposta que lhe foi feita pode assinar no respetivo local.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Tânia Oliveira – Aluna do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade –
Universidade do Minho.

Assinatura de quem pede consentimento Tânia Oliveira

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: M

Assinatura: 

Data: 21.06.2018

CONSENTIMENTO INFORMADO

Título do estudo: “O papel parental da mulher, enquanto consumidora de droga”.

O tema acima mencionado, será realizado no âmbito do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade. O objetivo do mesmo consiste em incidir no papel parental da mulher enquanto mãe e toxicodependente, sendo importante perceber as perspetivas que as mulheres/mães com percursos relacionados com a droga (consumo/tráfico) têm sobre o exercício do seu papel parental.

O estudo será realizado através de uma entrevista gravada, sendo que a recolha dos dados será pelo processo escrito e pela entrevista já elaborada.

Na entrevista abordar-se-à a ligação que têm com a droga, a relação que os seus amigos/familiares têm com a droga, a forma como se vê e sente que é vista e, por fim a relação que tem com o(s) seu(s) filho(s).

A duração da entrevista será de aproximadamente 30 minutos, com o local ainda a definir. As gravações serão apenas feitas, para efeitos de estudos e assim que a mesma for transcrita será eliminada.

A entrevista é de carácter voluntária, e a utilização dos dados recolhidos será confidencial e anónima.

Por favor, leia com atenção a informação acima transcrita e se não concordar com alguma coisa, não hesite em falar.

Caso concorde com a proposta que lhe foi feita pode assinar no respetivo local.

Agradeço desde já a sua colaboração.

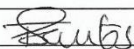
Tânia Oliveira – Aluna do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade – Universidade do Minho.

Assinatura de quem pede consentimento

Tânia Oliveira

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: Fⁿ _____

Assinatura:  _____

Data: 2018 1 2018

CONSENTIMENTO INFORMADO

Título do estudo: “O papel parental da mulher, enquanto consumidora de droga”.

O tema acima mencionado, será realizado no âmbito do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade. O objetivo do mesmo consiste em incidir no papel parental da mulher enquanto mãe e toxicodependente, sendo importante perceber as perspetivas que as mulheres/mães com percursos relacionados com a droga (consumo/tráfico) têm sobre o exercício do seu papel parental.

O estudo será realizado através de uma entrevista gravada, sendo que a recolha dos dados será pelo processo escrito e pela entrevista já elaborada.

Na entrevista abordar-se-à a ligação que têm com a droga, a relação que os seus amigos/familiares têm com a droga, a forma como se vê e sente que é vista e, por fim a relação que tem com o(s) seu(s) filho(s).

A duração da entrevista será de aproximadamente 30 minutos, com o local ainda a definir. As gravações serão apenas feitas, para efeitos de estudos e assim que a mesma for transcrita será eliminada.

A entrevista é de carácter voluntária, e a utilização dos dados recolhidos será confidencial e anónima.

Por favor, leia com atenção a informação acima transcrita e se não concordar com alguma coisa, não hesite em falar.

Caso concorde com a proposta que lhe foi feita pode assinar no respetivo local.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Tânia Oliveira – Aluna do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade – Universidade do Minho.

Assinatura de quem pede consentimento

Tânia Oliveira

CONSENTIMENTO INFORMADO

Título do estudo: “O papel parental da mulher, enquanto consumidora de droga”.

O tema acima mencionado, será realizado no âmbito do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade. O objetivo do mesmo consiste em incidir no papel parental da mulher enquanto mãe e toxicodependente, sendo importante perceber as perspetivas que as mulheres/mães com percursos relacionados com a droga (consumo/tráfico) têm sobre o exercício do seu papel parental.

O estudo será realizado através de uma entrevista gravada, sendo que a recolha dos dados será pelo processo escrito e pela entrevista já elaborada.

Na entrevista abordar-se-à a ligação que têm com a droga, a relação que os seus amigos/familiares têm com a droga, a forma como se vê e sente que é vista e, por fim a relação que tem com o(s) seu(s) filho(s).

A duração da entrevista será de aproximadamente 30 minutos, com o local ainda a definir. As gravações serão apenas feitas, para efeitos de estudos e assim que a mesma for transcrita será eliminada.

A entrevista é de carácter voluntária, e a utilização dos dados recolhidos será confidencial e anónima.

Por favor, leia com atenção a informação acima transcrita e se não concordar com alguma coisa, não hesite em falar.

Caso concorde com a proposta que lhe foi feita pode assinar no respetivo local.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Tânia Oliveira – Aluna do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade – Universidade do Minho.

Assinatura de quem pede consentimento Tânia Oliveira

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: Ma _____

Assinatura: _____

Data: ___ / ___ / _____

CONSENTIMENTO INFORMADO

Título do estudo: “O papel parental da mulher, enquanto consumidora de droga”.

O tema acima mencionado, será realizado no âmbito do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade. O objetivo do mesmo consiste em incidir no papel parental da mulher enquanto mãe e toxicodependente, sendo importante perceber as perspetivas que as mulheres/mães com percursos relacionados com a droga (consumo/tráfico) têm sobre o exercício do seu papel parental.

O estudo será realizado através de uma entrevista gravada, sendo que a recolha dos dados será pelo processo escrito e pela entrevista já elaborada.

Na entrevista abordar-se-à a ligação que têm com a droga, a relação que os seus amigos/familiares têm com a droga, a forma como se vê e sente que é vista e, por fim a relação que tem com o(s) seu(s) filho(s).

A duração da entrevista será de aproximadamente 30 minutos, com o local ainda a definir. As gravações serão apenas feitas, para efeitos de estudos e assim que a mesma for transcrita será eliminada.

A entrevista é de caráter voluntária, e a utilização dos dados recolhidos será confidencial e anónima.

Por favor, leia com atenção a informação acima transcrita e se não concordar com alguma coisa, não hesite em falar.

Caso concorde com a proposta que lhe foi feita pode assinar no respetivo local.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Tânia Oliveira – Aluna do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade – Universidade do Minho.

Assinatura de quem pede consentimento

Tânia Oliveira

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: M _____

Assinatura: _____

Data: ___ / ___ / _____

CONSENTIMENTO INFORMADO

Título do estudo: “O papel parental da mulher, enquanto consumidora de droga”.

O tema acima mencionado, será realizado no âmbito do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade. O objetivo do mesmo consiste em incidir no papel parental da mulher enquanto mãe e toxicodependente, sendo importante perceber as perspetivas que as mulheres/mães com percursos relacionados com a droga (consumo/tráfico) têm sobre o exercício do seu papel parental.

O estudo será realizado através de uma entrevista gravada, sendo que a recolha dos dados será pelo processo escrito e pela entrevista já elaborada.

Na entrevista abordar-se-à a ligação que têm com a droga, a relação que os seus amigos/familiares têm com a droga, a forma como se vê e sente que é vista e, por fim a relação que tem com o(s) seu(s) filho(s).

A duração da entrevista será de aproximadamente 30 minutos, com o local ainda a definir. As gravações serão apenas feitas, para efeitos de estudos e assim que a mesma for transcrita será eliminada.

A entrevista é de carácter voluntária, e a utilização dos dados recolhidos será confidencial e anónima.

Por favor, leia com atenção a informação acima transcrita e se não concordar com alguma coisa, não hesite em falar.

Caso concorde com a proposta que lhe foi feita pode assinar no respetivo local.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Tânia Oliveira – Aluna do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade – Universidade do Minho.

Assinatura de quem pede consentimento Tânia Oliveira

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: C _____

Assinatura: _____

Data: 27/06/2018

CONSENTIMENTO INFORMADO

Título do estudo: “O papel parental da mulher, enquanto consumidora de droga”.

O tema acima mencionado, será realizado no âmbito do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade. O objetivo do mesmo consiste em incidir no papel parental da mulher enquanto mãe e toxicodependente, sendo importante perceber as perspetivas que as mulheres/mães com percursos relacionados com a droga (consumo/tráfico) têm sobre o exercício do seu papel parental.

O estudo será realizado através de uma entrevista gravada, sendo que a recolha dos dados será pelo processo escrito e pela entrevista já elaborada.

Na entrevista abordar-se-à a ligação que têm com a droga, a relação que os seus amigos/familiares têm com a droga, a forma como se vê e sente que é vista e, por fim a relação que tem com o(s) seu(s) filho(s).

A duração da entrevista será de aproximadamente 30 minutos, com o local ainda a definir. As gravações serão apenas feitas, para efeitos de estudos e assim que a mesma for transcrita será eliminada.

A entrevista é de carácter voluntária, e a utilização dos dados recolhidos será confidencial e anónima.

Por favor, leia com atenção a informação acima transcrita e se não concordar com alguma coisa, não hesite em falar.

Caso concorde com a proposta que lhe foi feita pode assinar no respetivo local.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Tânia Oliveira – Aluna do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade – Universidade do Minho.

Assinatura de quem pede consentimento Tânia Oliveira

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: Es _____

Assinatura: _____

Data: ___ / ___ / _____

CONSENTIMENTO INFORMADO

Título do estudo: “O papel parental da mulher, enquanto consumidora de droga”.

O tema acima mencionado, será realizado no âmbito do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade. O objetivo do mesmo consiste em incidir no papel parental da mulher enquanto mãe e toxicodependente, sendo importante perceber as perspetivas que as mulheres/mães com percursos relacionados com a droga (consumo/tráfico) têm sobre o exercício do seu papel parental.

O estudo será realizado através de uma entrevista gravada, sendo que a recolha dos dados será pelo processo escrito e pela entrevista já elaborada.

Na entrevista abordar-se-à a ligação que têm com a droga, a relação que os seus amigos/familiares têm com a droga, a forma como se vê e sente que é vista e, por fim a relação que tem com o(s) seu(s) filho(s).

A duração da entrevista será de aproximadamente 30 minutos, com o local ainda a definir. As gravações serão apenas feitas, para efeitos de estudos e assim que a mesma for transcrita será eliminada.

A entrevista é de carácter voluntária, e a utilização dos dados recolhidos será confidencial e anónima.

Por favor, leia com atenção a informação acima transcrita e se não concordar com alguma coisa, não hesite em falar.

Caso concorde com a proposta que lhe foi feita pode assinar no respetivo local.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Tânia Oliveira – Aluna do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade – Universidade do Minho.

Assinatura de quem pede consentimento

Tânia Oliveira

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: S. _____

Assinatura: _____

Data: ___/___/_____

CONSENTIMENTO INFORMADO

Título do estudo: “O papel parental da mulher, enquanto consumidora de droga”.

O tema acima mencionado, será realizado no âmbito do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade. O objetivo do mesmo consiste em incidir no papel parental da mulher enquanto mãe e toxicodependente, sendo importante perceber as perspetivas que as mulheres/mães com percursos relacionados com a droga (consumo/tráfico) têm sobre o exercício do seu papel parental.

O estudo será realizado através de uma entrevista gravada, sendo que a recolha dos dados será pelo processo escrito e pela entrevista já elaborada.

Na entrevista abordar-se-à a ligação que têm com a droga, a relação que os seus amigos/familiares têm com a droga, a forma como se vê e sente que é vista e, por fim a relação que tem com o(s) seu(s) filho(s).

A duração da entrevista será de aproximadamente 30 minutos, com o local ainda a definir. As gravações serão apenas feitas, para efeitos de estudos e assim que a mesma for transcrita será eliminada.

A entrevista é de carácter voluntária, e a utilização dos dados recolhidos será confidencial e anónima.

Por favor, leia com atenção a informação acima transcrita e se não concordar com alguma coisa, não hesite em falar.

Caso concorde com a proposta que lhe foi feita pode assinar no respetivo local.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Tânia Oliveira – Aluna do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade – Universidade do Minho.

Assinatura de quem pede consentimento

Tânia Oliveira

DECLARACAO DE CONSENTIMENTO

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: Dr _____

Assinatura: Dr _____

Data: 27/06/18

CONSENTIMENTO INFORMADO

Título do estudo: “O papel parental da mulher, enquanto consumidora de droga”.

O tema acima mencionado, será realizado no âmbito do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade. O objetivo do mesmo consiste em incidir no papel parental da mulher enquanto mãe e toxicodependente, sendo importante perceber as perspetivas que as mulheres/mães com percursos relacionados com a droga (consumo/tráfico) têm sobre o exercício do seu papel parental.

O estudo será realizado através de uma entrevista gravada, sendo que a recolha dos dados será pelo processo escrito e pela entrevista já elaborada.

Na entrevista abordar-se-à a ligação que têm com a droga, a relação que os seus amigos/familiares têm com a droga, a forma como se vê e sente que é vista e, por fim a relação que tem com o(s) seu(s) filho(s).

A duração da entrevista será de aproximadamente 30 minutos, com o local ainda a definir. As gravações serão apenas feitas, para efeitos de estudos e assim que a mesma for transcrita será eliminada.

A entrevista é de carácter voluntária, e a utilização dos dados recolhidos será confidencial e anónima.

Por favor, leia com atenção a informação acima transcrita e se não concordar com alguma coisa, não hesite em falar.

Caso concorde com a proposta que lhe foi feita pode assinar no respetivo local.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Tânia Oliveira – Aluna do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade – Universidade do Minho.

Assinatura de quem pede consentimento

Tânia Oliveira

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: Bc _____

Assinatura: Bc _____

Data: 04/07/2018

CONSENTIMENTO INFORMADO

Título do estudo: “O papel parental da mulher, enquanto consumidora de droga”.

O tema acima mencionado, será realizado no âmbito do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade. O objetivo do mesmo consiste em incidir no papel parental da mulher enquanto mãe e toxicodependente, sendo importante perceber as perspetivas que as mulheres/mães com percursos relacionados com a droga (consumo/tráfico) têm sobre o exercício do seu papel parental.

O estudo será realizado através de uma entrevista gravada, sendo que a recolha dos dados será pelo processo escrito e pela entrevista já elaborada.

Na entrevista abordar-se-à a ligação que têm com a droga, a relação que os seus amigos/familiares têm com a droga, a forma como se vê e sente que é vista e, por fim a relação que tem com o(s) seu(s) filho(s).

A duração da entrevista será de aproximadamente 30 minutos, com o local ainda a definir. As gravações serão apenas feitas, para efeitos de estudos e assim que a mesma for transcrita será eliminada.

A entrevista é de carácter voluntária, e a utilização dos dados recolhidos será confidencial e anónima.

Por favor, leia com atenção a informação acima transcrita e se não concordar com alguma coisa, não hesite em falar.

Caso concorde com a proposta que lhe foi feita pode assinar no respetivo local.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Tânia Oliveira – Aluna do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade – Universidade do Minho.

Assinatura de quem pede consentimento

Tânia Oliveira

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: A _____

Assinatura: A _____

Data: 03.07.18 _____

CONSENTIMENTO INFORMADO

Título do estudo: “O papel parental da mulher, enquanto consumidora de droga”.

O tema acima mencionado, será realizado no âmbito do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade. O objetivo do mesmo consiste em incidir no papel parental da mulher enquanto mãe e toxicodependente, sendo importante perceber as perspetivas que as mulheres/mães com percursos relacionados com a droga (consumo/tráfico) têm sobre o exercício do seu papel parental.

O estudo será realizado através de uma entrevista gravada, sendo que a recolha dos dados será pelo processo escrito e pela entrevista já elaborada.

Na entrevista abordar-se-à a ligação que têm com a droga, a relação que os seus amigos/familiares têm com a droga, a forma como se vê e sente que é vista e, por fim a relação que tem com o(s) seu(s) filho(s).

A duração da entrevista será de aproximadamente 30 minutos, com o local ainda a definir. As gravações serão apenas feitas, para efeitos de estudos e assim que a mesma for transcrita será eliminada.

A entrevista é de carácter voluntária, e a utilização dos dados recolhidos será confidencial e anónima.

Por favor, leia com atenção a informação acima transcrita e se não concordar com alguma coisa, não hesite em falar.

Caso concorde com a proposta que lhe foi feita pode assinar no respetivo local.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Tânia Oliveira – Aluna do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade – Universidade do Minho.

Assinatura de quem pede consentimento

Tânia Oliveira

DECLARACÃO DE CONSENTIMENTO

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: 11

Assinatura: 

Data: 15/06/2018

CONSENTIMENTO INFORMADO

Título do estudo: “O papel parental da mulher, enquanto consumidora de droga”.

O tema acima mencionado, será realizado no âmbito do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade. O objetivo do mesmo consiste em incidir no papel parental da mulher enquanto mãe e toxicodependente, sendo importante perceber as perspetivas que as mulheres/mães com percursos relacionados com a droga (consumo/tráfico) têm sobre o exercício do seu papel parental.

O estudo será realizado através de uma entrevista gravada, sendo que a recolha dos dados será pelo processo escrito e pela entrevista já elaborada.

Na entrevista abordar-se-à a ligação que têm com a droga, a relação que os seus amigos/familiares têm com a droga, a forma como se vê e sente que é vista e, por fim a relação que tem com o(s) seu(s) filho(s).

A duração da entrevista será de aproximadamente 30 minutos, com o local ainda a definir. As gravações serão apenas feitas, para efeitos de estudos e assim que a mesma for transcrita será eliminada.

A entrevista é de carácter voluntária, e a utilização dos dados recolhidos será confidencial e anónima.

Por favor, leia com atenção a informação acima transcrita e se não concordar com alguma coisa, não hesite em falar.

Caso concorde com a proposta que lhe foi feita pode assinar no respetivo local.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Tânia Oliveira – Aluna do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade – Universidade do Minho.

Assinatura de quem pede consentimento

Tânia Oliveira

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: P _____

Assinatura: P _____

Data: 6/7/2018

Anexo IV – Guião da Entrevista

Este trabalho está relacionado com os filhos, as mães, a droga, o consumo e o tráfico.

Ligação com a droga

- Consegue-me encontrar-me algum ponto de ligação entre isto?
- Qual a relação que teve/tem com a droga?
- Quando foi detida, qual era a droga que transportava? E qual era a quantidade?
- Alguma vez consumiu droga?
- Que tipo de drogas consumiu?
- Houve algum motivo, alguma pessoa, algum grupo de amigas(os) que a influenciasse nessa relação?

Relação dos seus familiares/amigos com a droga

- O seu grupo de amigos mais chegados, têm ligações com droga?
- E a sua família, alguma vez presenciou um consumo? Um transporte?

Representação de si própria

- Não teve receio do que podia acontecer caso fosse apanhada?
- Quais eram as suas perspetivas, os seus sonhos, o que gostava de fazer um dia mais tarde?
- Como se sente quando olha para trás?
- Alguma vez sentiu que estava a ser colocada de lado pelo seu passado?
- Acha que quando sair daqui conseguirá reintegrar-se na sociedade?
- Acha que a nível do emprego, será fácil encontrar alguma coisa?
- Como pensa contornar os obstáculos, as dificuldades que lhe possam surgir após a saída da prisão?
- O que para si, será um acontecimento marcante (algo que queira muito) quando sair daqui?
- E qual foi o acontecimento mais marcante que lhe aconteceu antes de entrar para a prisão?

Relação com os seus filhos

- Que idade tem o seu filho?
- Como é estar longe dele(a)?
- Como é que acha que ele (a) se sente?

- Alguma vez conversou com o seu filho acerca do motivo pelo qual está cá dentro?
- Como reagiu?
- Ele (a) consegue-a perceber?
- Se ele entrasse pelo o mesmo caminho, como acha que reagiria?
- Como é a relação que mantem com o(s) seu(s) filhos?
- Recorda-se de alguma situação, onde sentiu que o seu filho ficou triste ou que não gostou de alguma coisa?
- Conseguiu resolver a situação? Como?
- Como se avalia como mãe?
- Como acha que os outros (a sociedade) a avaliam
- Sente que o facto de ter entrado no mundo da droga alterou a forma como se vê a si mesma e como os outros a vêem? De que forma?
- A partir do momento que sair desta prisão quais são as suas perspetivas?

Anexo V – Entrevistas Transcritas

Reclusa nº5

Entrevistadora: Gostava que me falasse um bocadinho sobre a minha vida, o motivo pelo qual está cá.

Entrevistada: O que me levou a fazer isto?

Entrevistadora: Sim.

Entrevistada: Na altura eu estava numa fase muito complicada, já tinha um filho e depois esta última gravidez não foi planeada. Naquela altura o meu filho só tinha 1 ano e 6 meses, o trabalho não estava a dar para nada e apresentaram-me a proposta.

Ao início tive muito receio, porque estava grávida e não queria. Esse pessoal, deu-me tempo para pensar e eu comecei a pensar na quantidade de dinheiro “meu deus, isso tudo numa semana...” Agora estou aqui, o mais complicado foi chegar e ver que ia ficar longe do meu filho.

Entrevistadora: Que idade tem o seu filho que está lá, agora?

Entrevistada: 3 anos.

Entrevistadora: Com quem é que ele está?

Entrevistada: Está com a minha tia, só que é muito complicado. A minha tia trabalha, ganha muito pouco...

Entrevistadora: O seu meio, onde morava, a sua família, já tiveram algum tipo de ligação com a droga?

Entrevistada: Nunca, ninguém da minha família esteve ligação com a droga. Nem fumar, nós fumamos. Sempre foram muito honestos... o que aconteceu comigo foi um momento de fraqueza, mas eu sei que nada justifica o que fiz.

Entrevistadora: O que sente quando olha para traz?

Entrevistada: Arrependendo-se por tudo o que fiz...

Entrevistadora: Há quanto tempo está cá?

Entrevistada: 1 ano e 9 meses.

Entrevistadora: Como é estar aqui?

Entrevistada: É complicado, o que mais me custa é estar longe do meu filho mais velho. A este que está comigo, nunca faltou nada, desde papa, brinquedos, leite... o que me preocupa é o que está lá fora.

Entrevistadora: Porque? Porque precisa de si, ou porque se sente mal por não estar a acompanhá-lo?

Entrevistada: As duas coisas, quando estou com este, estou a pensar no que perdi com o meu mais velho. Não acompanhei o crescimento dele, nada...

Entrevistadora: Foi apanhada cá no aeroporto. A sua família sabe?

Entrevistada: No início, eu não queria falar. Quando cheguei falei com a minha mãe só para ela saber e disse-lhe que estava tudo bem e desliguei logo. Depois disso, não voltei a ligar, até que a minha técnica disse que a melhor coisa era falar com eles e que eles me iam apoiar.

Entrevistadora: Eles sabiam desta viagem?

Entrevistada: Eu não morava com a minha mãe, mas com a minha tia e ela sabia. Ela pediu-me para não fazer aquilo.

Entrevistadora: O que a levou a fazer isso?

Entrevistada: Eu estava a morar com a minha tia, tínhamos muitas despesas e o dinheiro não estava a chegar para pagar as despesas. Eu não fiz isto para luxos, apenas para conseguir pagar as contas. Estava num estado e o meu filho estava noutra. A minha tia cuidava dele e ela dizia-me que as coisas estavam a ficar cada vez mais complicadas e foi aí que me apresentaram a proposta.

Entrevistadora: Não pensou que podia ser apanhada?

Entrevistada: A única coisa que pensava é que ia dar certo.

Entrevistadora: Mas pensava por si isso ou por aquilo que os outros lhe diziam?

Entrevistada: Dos outros. Eles diziam-me, sempre deu certo, nunca aconteceu nenhuma ir presa. E eu pensei, porque é que poderia dar errado comigo.

Entrevistadora: O que trazia?

Entrevistada: Trazia cocaína, cerca de 870g.

Entrevistadora: Antes de ter sido apanhada nesta situação, como idealizada a sua vida, que objetivos tinha?

Entrevistada: Sempre quis ter a minha casa, os meus filhos comigo, um carro na garagem.

Entrevistadora: O que faltou?

Entrevistada: Acho que nunca tive aquele foco. É complicado...

Entrevistadora: Que idade tem?

Entrevistada: 23 anos.

Entrevistadora: O pai dos seus filhos...

Entrevistada: São de pais diferentes.

Entrevistadora: Eles reconhecem-nos?

Entrevistada: O pai do meu primeiro filho, foi preso antes do meu filho nascer... Eu estava grávida de 4 meses quando decidi que não queria mais, e fui para o estado onde nasci. A família dele entrou em contato comigo, pois ele queria o conhecer. E eu disse que não queria, não queria estar a ir para a cadeia visitá-lo. Ele nunca conheceu o filho, a não ser por fotos. Depois fiquei em casa da minha avó por um tempo e deixei o meu filho com a minha tia e fui para casa de uma outra tia minha trabalhar. Entretanto conheci o pai do meu filho, o que está aqui comigo e disse-lhe que ia trabalhar para São Paulo. Ele também não sabia para que sabia da viagem. Após ter sido presa, toda a gente falava que me tinham matado e foi aí que eu disse a minha mãe que estava presa, mas pedi-lhe para não contar nada para ninguém.

Entrevistadora: Como era a sua relação com a sua mãe?

Entrevistada: Não era muito boa, a minha mãe só pensava em dinheiro, o pouco que eu ganhava pedi-me, não me deixava comprar nada e com a minha irmã era a mesma coisa.

Entrevistadora: Quantos irmãos tem?

Entrevistada: A minha mãe tem 3 filhas de pais diferentes, o meu pai tem 3 mas só eu é que não pertença ao casamento dele.

Entrevistadora: Como é a sua relação com eles?

Entrevistada: Com o meu pai eu nunca tive nenhuma ligação. Eles nunca foram casados. Ele sempre viveu com a família dele e nunca nos procurou.

Entrevistadora: Também nunca o procurou?

Entrevistada: Ainda cheguei a procurar algumas vezes e dizia-lhe que o queria ver, só que arranjava sempre uma desculpa e eu aos poucos fui desistindo.

Entrevistadora: Como se sentia nos momentos em que se apercebia que ele estava a dar uma desculpa?

Entrevistada: Ficava triste, e ainda para mais ele morava no mesmo estado que a minha avó, e a minha avó chegou-me a dizer algumas vezes que

o meu pai andava com as filhas a passear... elas sempre tiveram tudo e ele só me pagava a pensão porque era obrigado.

Entrevistadora: O que mais a marcou?

Entrevistada: O pai do meu primeiro filho, chegava a casa bêbado, partia tudo ... Depois quando eu estava em casa da minha mãe o meu padrasto estava em casa e saiu do quarto só de cuecas e veio sentar-se a minha beira, eu tinha 15 anos... mas sabia que aquilo não estava certo e pedi-lhe que quando a minha mãe não tivesse em casa para ele não andar assim, e ele pediu-me desculpa... quando a minha mãe voltou, eu falei com ele a contar-lhe e ela ainda ficou chateada comigo. Disse-me que era ele que pagava as contas e que se eu tivesse mal para sair, e foi aí que não voltei lá. Para além de que quando eu estava lá, era eu que lavava a roupa, arrumava a casa, e fazia tudo. Quando estava com a minha mãe, eu não era feliz, não podia ir brincar para a rua, agora quando estava com a minha avó eu era feliz, livre.

Entrevistadora: A sua avó foi como uma 2ª mãe?

Entrevistada: Foi... foi mesmo a 1ª mãe. Foi ela que me criou, eu quando fui morar com a minha mãe já tinha 7 anos. A minha infância/adolescência sempre foi muito instável, era difícil terminar os estudos.

Entrevistadora: Com todas estas situações a acontecer, onde ia buscar as forças?

Entrevistada: Sempre achei que as coisas iam dar certo, eu comecei a trabalhar muito cedo, mandava dinheiro para a minha tia para as coisas do meu filho. Eu não culpo ninguém por aquilo que aconteceu.

Entrevistadora: Não culpa, porque?

Entrevistada: Porque fui eu que escolhi este caminho.

Entrevistadora: Mas as suas fragilidades não interferiram com a escolha desse caminho?

Entrevistada: Talvez... Acho que por ter sido fruto de uma relação extra conjugal e o meu pai não ter ficado com a minha mãe fez com que ela não gostasse muito de mim, pois devia fazê-la lembrar dele.

Entrevistadora: Isso dói?

Entrevistada: Muito. Até porque o meu pai chegou a dizer-me que na altura que eu nasci, ela ficou muito revoltada por ele não ter ficado com ela.

Entrevistadora: O que sente?

Entrevistada: Sempre me senti muito rejeitada pela minha família.

Entrevistadora: Achava que ninguém a compreendia?

Entrevistada: Ninguém.

Entrevistadora: Qual é o sentimento que tem agora, por tudo aquilo que passou?

Entrevistada: Eu preciso esquecer o meu passado, apesar de não ser fácil. Estou aqui, e eu nunca recebi nada da minha família, e isso é difícil.

Entrevistadora: Precisava disso?

Entrevistada: As pessoas que me acolheram não eram eles, sempre me apoiaram mais pessoas que não eram da minha família, por exemplo a minha ex patroa, até hoje eu tenho muita consideração por ela.

Entrevistadora: Ela sabe que está cá?

Entrevistada: Sim, ela ficou muito triste. Eu tenho uma prima que trabalha para ela, e diz-me que ela me está sempre a mandar beijinhos, pergunta se está tudo bem e se preciso de alguma coisa.

Entrevistadora: Nunca a procurou para lhe pedir ajuda?

Entrevistada: Não, o filho dela sofreu muito quando saí de casa dela, ele estava muito apegado a mim. E eu sei que ela ficou muito triste comigo. Eu gostava de cuidar e de estar com a minha ex patroa e o filho, mas eu não tinha vida própria, e quis sair. Mas também não ia morar com a minha mãe e acabei por ir viver com uma pessoa que eu nem sequer gostava... A minha patroa não gostava da minha mãe, e ajudou-me muito, até a abrir uma conta... como eu era menor, a minha mãe já tinha duas contas, tive que pedir ao meu pai e ele abriu uma conta para mim. Nessa altura, como o dinheiro já não ia para a minha mãe ela deixou de falar comigo.

Entrevistadora: Como se considera como mãe?

Entrevistada: Eu sei que do meu primeiro filho não fui mãe, não tive presente, não o vi crescer, e ele até chama de mãe a minha tia. Só espero é que um dia ele me consiga perdoar pelo que eu fiz. Agora do meu 2º filho, apesar destas circunstâncias, nunca lhe faltou nada que ele precisasse.

Entrevistadora: Obrigada.

Reclusa 7

Entrevistadora: Gostaria de perceber um bocadinho da sua história, o motivo pelo qual veio cá parar.

Entrevistada: É assim, eu tive uma vida fácil e ao mesmo tempo difícil. Tive uma depressão aos 14 anos, sempre tive tudo. O que mudou nessa altura é que a minha irmã foi para a Suíça e os meus primos também. Como a nossa ligação era muito boa, eu vi-me sozinha e isolei-me. Os meus pais sempre me deixaram estar no meu canto.

Eu impus-me, enquanto que a minha irmã não.

Entrevistadora: A sua irmã é mais velha?

Entrevistada: Sim, 4 anos e meio. Mas eu senti-a que os meus pais confiavam em mim. Na altura, a minha mãe estava com uma depressão crónica, a minha avó tinha falecido, a minha irmã ter ido para a suíça foi um desgosto para todos. E com tudo isto a acontecer, eu acabei por me ir aproveitando da situação. Deixei de ir à escola, ou melhor, ia quando me apetecia e às horas que eu queria.

Com o estado da minha mãe, com toda a medicação que ela andava a tomar, ela esquecia-se das coisas, e eu aproveitava-me disso. Isto tudo, fez com que eu desistisse da escola, a minha mãe mesmo que os professores fizessem queixa de mim, ela defendia-me, protegia-me e nunca era castigada por nada. Entretanto, aos 17 anos quis casar e descobri que estava grávida, achava que era feliz.

Chegou a um pouco que as coisas começaram a faltar...

Entrevistadora: O seu companheiro trabalhava?

Entrevistada: Sim, trabalhava em Espanha, ganhava bem. Só que mesmo assim as coisas começaram a faltar. E eu pensei, se é assim as coisas não faltam mais e comecei nos assaltos pelas necessidades.

Entrevistadora: Mas pela necessidade para si ou porque sabia que tinha ali uma filha?

Entrevistada: Tudo por causa da minha filha. Apesar de saber que os meus pais não iam deixar que lhe faltasse nada. Só que isso acontecia em casa deles. Porque o meu pai era assim, “queres comer, vens a minha casa”. E o problema era em minha casa.

Com os assaltos a minha vida começou a endireitar-se, mas já era tarde, aquilo já se tinha tornado um vício. Nunca fui fazer um assalto um assalto depois de fumar. Eu fumava ganza. O problema é que se fumasse não conseguia conduzir e ficava totalmente desligada. E para os assaltos eu tinha que ir consciente, só depois é que quando chegava a casa dos assaltos fumava um para relaxar.

Um dos meus problemas nessa altura era a medicação, deixava de tomar e às vezes quando me lembrava tomava tudo. Os roubos são muito complicados, ao nível psicológico, porque depois uma pessoa não pára de pensar, onde vou esconder isto, onde vou esconder aquilo...

Entrevistadora: Como se desligava disso?

Entrevistada: Tinha que fumar cada vez mais para tentar esquecer aquilo no momento.

Entrevistadora: O seu marido tinha alguma ligação com a droga?

Entrevistada: Sim, eu sabia que ele era um dos maiores traficantes da zona. No entanto, ele tinha-me dito que tinha deixado de fumar e eu acreditei.

Passados 2 anos de viver com ele, veio-me um cheiro estranho, só que ele disse-me que estava a fumar um cigarro. Até que percebi que ele me mentiu e tinha deixado de trabalhar. Eu não tinha muitas habilitações, sem carta e com uma filha, as coisas ainda se tornavam mais complicadas. Naquela altura a vida lá fora era mais complicada do que agora, eu acho que agora, mesmo sendo reclusa é mais fácil arranjar um trabalho, e até o meu pai, que tem uma empresa de construção civil arranja-me alguma coisa.

Entrevistadora: Então foi mesmo a falta de oportunidade que fez com que tivesse que ingressar no mundo do crime?

Entrevistada: Sim, a falta de dinheiro, as discussões em casa...

Entrevistadora: Como era a relação com o seu marido?

Entrevistada: Desde que ele me mentiu as coisas começaram a ficar mais difíceis. Depois também houve um dia em que achei que ele me ia bater. A partir daí acabou-se o respeito e acabou-se tudo.

Eu comecei a ter ataques de epilepsia a tomar medicação mais pesada, as agressões entre nós eram frequentes e a minha filha assistia.

Entrevistadora: Os seus pais tinham conhecimento do que se estava a passar?

Entrevistada: Sim, ele às vezes quando me dava ataques, ele leva-me a casa da minha mãe para ela cuidar de mim...

Entrevistadora: E dos assaltos, os seus pais também sabiam?

Entrevistada: Também, o meu pai não sabia diretamente, mas ele sentia e dizia-me “Daniela, tu vais parar lá dentro”. A minha mãe sabia, por vezes eu chegava a casa dela com a minha filha e ela perguntava-me se eu ia novamente... A minha mãe é tudo para mim...

Eu sei que sou culpada, eu sei que fiz muitas asneiras e tudo, mas em parte ele (o meu ex marido) meteu-me na cabeça que os meus pais não me queriam.

Entrevistadora: Porque é que acha que ele lhe dizia isso?

Entrevistada: Ele ainda hoje é obcecado por mim. Ele não quer saber da filha, não lhe dá dinheiro, não a vai visitar, mas eu sei que ele ainda continua à minha espera. Nós já nos divorciamos, eu já casei com uma mulher cá dentro e ele continua a dizer à minha mãe que tem esperanças que eu volte para ele. Uma chantagem que ele fazia comigo para eu não sair de casa é que ficava com a menina.

Entrevistadora: Que idade tem a sua filha?

Entrevistada: Tem 10 anos. Eu cuido muito bem dela, e tudo, mas eu não me imagino sem a minha mãe... ela nunca me deixou só, sempre me disse “se tu estas feliz, eu também estou”. Eu sei que perdi muitas oportunidades de construir a minha vida. Mas, por um lado, eu sabia que levasse a minha filha para fora, eles teriam um desgosto. Hoje digo, se tiver que voltar novamente para a cadeia eu volto, mas não será por roubo, burla, droga, mas porque alguém tocou na minha família.

Entrevistadora: Qual foi o sentimento que trazia quando entrou aqui?

Entrevistada: Revolta.

Entrevistadora: Porque?

Entrevistada: Porque eu achava que tinha a razão toda do mundo, porque achava que toda a gente tinha que fazer o que queria, porque não fiz mal nenhum a ninguém e sobretudo porque deixei que a minha filha lá fora.

Entrevistadora: Quando veio para cá, que idade tinha a sua filha?

Entrevistada: Tinha 4 anos.

Entrevistadora: Caso desse, trazia a sua filha cá para dentro consigo?

Entrevistada: Não, ela não tem culpa pelo que fiz. Ela lá fora é uma princesa, tem tudo. E quando eu cheguei cá, era tudo meu, fui 10 dias para o castigo por insultar uma guarda... eu estava mesmo destabilizada, até que chegou a altura que isso teve de mudar. Mentalizei-me que isto era minha casa e se queria melhorar e sair tinha que saber estar e viver, como se tivesse em casa.

Entrevistadora: Quanto tempo é a sua pena?

Entrevistada: 6 anos e 3 meses, depois fui para outro processo e o cúmulo foi de 6 anos e 10 meses. Estou cá a 5 anos e 3 meses. Tive ajuda de psicólogos, psiquiatras. Sempre tive muitos ataques de pânico e não os sabia controlar, comprava tudo basicamente.

Entrevistadora: Teve muitos conflitos cá dentro?

Entrevistada: Sim, tive muitos... é complicado estar cá dentro, algumas reclusas tentam extorquir, provocam, ameaçam... aqui vende-se drogas, as que entram para se limpar continuam com os consumos.

Entrevistadora: Como é que conseguiu mudar essa forma de pensar? Como conseguiu começar a controlar-se?

Entrevistada: Primeiro porque a cadeia começa a pesar, depois pensar nos meus pais e na minha filha.

Entrevistadora: Eles vem visitá-la?

Entrevistada: Sim, agora também deixaram de vir porque a minha mãe está cansada. E eu agora com o RAID e as precárias já consigo estar com eles. A minha filha também pesou na minha mudança e com tudo isso comecei a saber pedir ajuda. Cá dentro comecei a conhecer-me melhor, mesmo em relação à medicação já consigo perceber se estou a tomar mais ou menos.

Entrevistadora: Com tudo isto, cá dentro consegue-se estabelecer ligações de amizade?

Entrevistada: Não, elas enlouquecem-nos. Quanto mais damos a vida a saber mais nos prejudicam. Os amigos cá dentro são os médicos e a direção. A ala 1, onde eu estou agora, ajuda-me, por causa das crianças, aliviam-me.

Entrevistadora: Faz lembra-la da sua filha?

Entrevistada: Sim, muito... isso ajuda-me a aliviar o meu stress.

Entrevistadora: Estive a ler o seu processo, sei que casou cá dentro... A sua mulher, ajudou-a nesse processo de mudança.

Entrevistada: Sim, um pouco. Ela era um pouco como eu, revoltada. A nossa relação começou aos poucos, na base do respeito, do carinho e até fui eu que a ajudei. Ela não sabia o que era amor, carinho, afeto. O engraçado é que quando eu estava nervosa a outra acalmava e vice-versa. Eu pu-la a trabalhar, a cozinhar, e ajudei-a a mentalizar-se sobre como é realmente a vida. Conseguimos ajudarmo-nos uma à outra

Entrevistadora: Basicamente conseguiu encontrar cá dentro um equilíbrio. Agora que está quase a sair, quais são as suas expetativas, como acha que vai encarar as dificuldades que poderão aparecer?

Entrevistada: Eu sei que vou ter que agarrar as oportunidades com toda a força, tenho a minha filha e ela precisa de mim. Sei que não posso fazer asneiras. Sei que tenho alguns problemas com o meu ex marido...

Entrevistadora: Acha que ele de uma certa forma, pode usar a sua filha para se aproximar de si, para a chantagear?

Entrevistada: Sim, talvez o faça. Mas ele também sabe que não tem hipóteses, ele não tem condições. Ele sabe que a única coisa que ele tem direito é visitar a filha. Eu estou descansada, porque sei que a minha filha sabe como as coisas são. Ela tem 10 anos e tem hiperatividade, tem 4 anos de avanço na mentalidade. Tem noção que o pai não lhe liga, não quer saber dela. Ele usa o dinheiro que lhe devia dar para os consumos dele. E eu vou lutar pelos direitos da minha filha. Imagine Doutora, que uma altura ele escreveu uma carta a dar a entender que se iria matar e que levava a menina com ele, é totalmente descompensado.

Eu estando aqui dentro a trabalhar ainda lhe mando dinheiro para ela, sendo que a ajuda principal é a dos meus pais. Quando vou em precária, tudo aquilo que ela me pede eu dou-lhe. Quando fui a primeira vez de precária, ela virou-se para mim e disse-me que estava cansada de sofrer... partiu-me o coração...

Entrevistadora: A sua filha sabe o motivo pelo qual foi presa?

Entrevistada: Sim, ela pediu-me para lhe contar a verdade. Ela tem conversas muito crescidas. Ela sabe que o pai só lhe liga, por exemplo, quando sabe que eu estou à beira dela... é fácil falar com ela.

Agora quando chegar lá fora, já tenho as coisas orientadas juntamente com a minha mulher. Tenho casa, carro, alguns bens. Por isso, da minha parte o futuro eu garanto à minha filha.

Entrevistadora: Sente que a sociedade vai vê-la da mesma forma como antes de entrar para aqui?

Entrevistada: Sim, totalmente. Mesmo quando vou lá fora de precária, as minhas vizinhas falam normalmente comigo. Eu sei que fiz muitas asneiras, podia ter feito diferente. Mas eu sempre soube ser uma boa pessoa, uma boa mãe e uma boa dona de casa.

Entrevistadora: O que foi para si a prisão?

Entrevistada: Foi uma aprendizagem. Ajudou-me a crescer, ser mais responsável, a dar valor a coisas que não dava, ao dinheiro, à vida, à família.

Entrevistadora: Sente que quando for lá para fora vai conseguir recuperar o tempo perdido com a sua filha?

Entrevistada: Recuperar não se recupera, mas compensa-se. A minha filha sabe que para além de mãe, eu sou a melhor amiga dela.

Entrevistadora: Obrigada.

Reclusa 222

Entrevistadora: Gostaria de saber um pouco sobre a sua história de vida, o motivo pelo qual está aqui.

Entrevistada: Estou aqui por tráfico, mas para mim é tráfico de menor gravidade porque eu era consumidora, não era traficante. Eu e os meus 3 irmãos nunca fizemos tráfico de quilos. Eles só trabalhavam para o consumo deles, tal como eu, por isso não era nenhuma rede de tráfico, como dizem. Todos os meus irmãos eram consumidores. Eu e mais 2 irmãos vivíamos na casa da nossa mãe. Eu naquela altura era casada, mas passava os dias em casa da minha mãe. Comecei a consumir aos 17 anos.

Entrevistadora: esses primeiros consumos foram juntamente com os seus irmãos?

Entrevistada: Não. Eu sabia que eles usavam drogas, via-os a consumir, mas sempre desvalorizei aquilo. Antes de conhecer o meu marido, eu namorava

com um rapaz que também consumia, eu chegava-lhe a guardar a droga e nunca me deu para consumir. Entretanto, acabamos, eu comecei com o meu marido e foi com ele que comecei, apesar de ele nunca me ter obrigado. Só fuma droga quem quer, ninguém obriga ninguém. Naquela altura fiquei curiosa a decidi experimentar, mas não gostei. Como andava com ele todos os dias e ele consumia, ia atrás. Quando dei por ela, dóia-me o corpo e ele disse-me que eu já estava a ressacar. Passado 3 meses de namoro, casei-me, estive casada com ele 21 anos e tive 2 filhos, uma menina e um menino. Durante esses 21 anos, foi só droga, com algumas paragens.

O meu marido trabalhava no mar, era mestre. Eu trabalhava em terra. Passado 21 anos o nosso casamento começou a ficar estranho e só se pensava em dinheiro para droga. Depois a mãe do meu marido morreu, tivemos uma paragem nos consumos e a vida começou a endireitar-se.

Mais tarde, eu tive uma recaída e comecei a estragar tudo, vendi praticamente tudo para comprar droga.

Entrevistadora: Qual foi a quantidade de droga que tinha quando foi apanhada?

Entrevistada: 7 bases de branca.

Entrevistadora: Isso corresponde mais ou menos a quantas gramas?

Entrevistada: Olhe, para uma pessoa que consuma bem nem para meia manhã dá. Quem fuma cocaína e heroína dura mais tempo. Os meus irmãos consumiam as duas.

Entrevistadora: Já esteve presa antes?

Entrevistada: Sim, já. E foi por causa dos meus irmãos, não os culpo, mas as coisas eram deles. A minha infância foi bastante complicada, o meu pai era alcoólico, deixou de trabalhar aos 38 anos, a minha mãe é que teve de lutar por nós. Passamos por muitas dificuldades, não tínhamos livros para a escola, não tínhamos o que comer... Os meus irmãos sempre foram problemáticos, um deles odiava a minha mãe, por ela o ter colocado numa instituição... já não o conseguia educar. E isso a mim sempre me marcou.

O problema foi quando eu saí daqui pela primeira vez. Fui com uma mão à frente e outra atrás, tive que ir para a mesma casa, com as mesmas pessoas, com os mesmos problemas, e claro já sabia o que me iria acontecer.

Os meus filhos, enquanto foram menores tiveram num colégio, porque o pai não ficou com eles. Aos 18 anos, o meu filho veio para minha beira. Aos 17 anos, a minha filha apareceu-me grávida. Falei com ela, a ver se ela queria a criança, ela disse que sim e então eu apoiei-a e ajudei-a. O problema, é que até hoje, a criança está numa instituição.

Quando fui apanhada pela segunda vez, mal saí da primeira vez já andava a ser investigada. Até que chegou o dia em que foram lá a casa, no meu quarto não encontraram nada, mas como era ex reclusa vim logo presa.

Entrevistadora: Quando saiu pela primeira vez da prisão voltou a consumir?

Entrevistada: Voltei. Estamos 3 irmãos presos, fomos julgados como sendo uma organização criminosa, o que para mim não faz sentido, porque não havia arma, a droga que tínhamos era para consumo.

Na altura em que eu tinha conseguido a estabilidade, o meu marido trabalhava em Espanha, no mar, ganhava bem e tudo... voltei para cá... foi-se tudo por água a baixo. Agora vou estar aqui mais 5 anos.

Entrevistadora: Na droga era senhora juntamente com os seus outros 2 irmãos? Mas tinha mais 2 irmãs, elas também tinham ligações com a droga?

Entrevistada: Não, elas não tinham.

Entrevistadora: E o que lhe diziam?

Entrevistada: Eu tinha uma irmã que me tentou ajudar no tratamento e tudo, mas também quando via que estava de ressaca, arranjava-me dinheiro para poder ir comprar, mas sem ninguém saber, "pronto, pega em 2€/3€ e vai comprar pão".

Ao início a minha mãe via-se com 4 rapazes e 1 uma rapariga a ressacar... quando ela recebia o cheque do meu pai nós já estávamos à espera, e ela lá acabava por dar o dinheiro, isto para não ter que nos ver na rua a ressacar e a cair para o lado. Hoje, tenho a noção que ela fez coisas que nunca pensou em fazer.

Entrevistadora: Porque é que acha que ela fez isso?

Entrevistada: Para não nos ver a roubar, para não nos ver fora de casa, desorientados e também por causa dos vizinhos.

Entrevistadora: Enquanto estava com consumos, nunca ponderou em encontrar algum motivo para parar?

Entrevistada: Conseguir parar eu conseguia, mas nunca tive nada que me motivasse a parar. A família do meu marido era uma família com posses, havia mesmo muito dinheiro. Quando o meu marido ia para o mar ele deixava-me dinheiro, e eu tinha que saber geri-lo. Tinha a minha filha e o namorado a viverem lá em casa e aí as coisas já ficavam mais apertadas.

Entrevistadora: Consumiu enquanto esteve grávida?

Entrevistada: Na gravidez do meu primeiro filho, quando soube que estava, já tinha 4 meses e entrei para a metadona. Desde aí não voltei a consumir, nem de quando tive a minha outra filha.

Entrevistadora: Depois de eles crescerem, sabiam que era consumidora?

Entrevistada: Quando começaram a ter noção das coisas, eles diziam que aquilo era o meu remédio. O meu filho sempre foi mais compreensivo, já a minha filha era má, e dizia-me “bem feito, não fumes, esse remédio põe-te mal, a chorar...” Eles nunca me viram a consumir.

Um dia cansei-me de estar a gastar o dinheiro todo que recebia do RSI e entreguei à minha mãe e os meus filhos também ficaram com ela. Eles estavam comigo, mas era minha mãe que cuidava deles.

Entrevistadora: Como é que se sentia, quando os seus filhos a viam a rressacar?

Entrevistada: Uma revolta. Eu não queria ouvir nem eu, nem outro. Naquele momento o sofrimento era tanto que não ouvia ninguém.

Entrevistadora: Qual era a relação deles com o pai?

Entrevistada: É boa. Falam do que é preciso. A minha filha não se dá muito bem com ele. Ela diz que eu é que fui pai e mãe.

O que eu lhes digo é que eu fui um exemplo daquilo que eles não devem seguir, eles viram o que passei, por isso só seguem o caminho se quiserem.

Os meus filhos sempre criticaram muito os meus irmãos, eles diziam que eram eles que deviam estar aqui dentro...

Entrevistadora: Quanto tempo lhe falta para sair daqui?

Entrevistada: Acho que saio aos 2/3.

Entrevistadora: Nunca se envolveu aqui em conflitos com outras reclusas?

Entrevistada: Algumas vezes. Eu já tive cá antes. Mas da primeira vez, uma pessoa está aqui à espera, com aquela ansiedade, será que eu vou embora,

andamos a trabalhar e o tempo passa mais rápido. Neste momento, a cadeia está mais pesada, porque eu não estava a contar de voltar.

O meu irmão morreu 20 dias antes de vir presa. A casa onde sempre vive teve que ser desfeita. O meu companheiro com quem estava à cerca de 2 anos também me deixou. A minha mãe está num lar. A minha vida voltou a desmoronar-se. Eu não tirei benefícios nenhuns da droga, foi a minha desgraça e da minha família. Perdi a minha neta e jurei desde a morte do meu irmão que não iria tocar mais em droga.

Entrevistadora: Como é que funciona lá fora o mundo da droga?

Entrevistada: As pessoas vivem de aparências, comprar o melhor carro, querem ser sempre ficar a frente das outras, não é? A droga funciona da mesma forma. Ninguém se preocupa com o mais pequeno. Basicamente o lema da droga é, “Se tens, vales tudo. Se não tens, não vales nada”.

Entrevistadora: Alguma vez já se sentiu a “valer tudo”?

Entrevistada: Já, era a rainha por 1/2 horas enquanto havia para consumir.

Entrevistadora: O que mais a marcou mais durante a sua vida?

Entrevistada: Foi quando eu vim presa pela 1^o vez e fiquei sem os meus filhos.

Entrevistadora: O que sentiu?

Entrevistada: Uma dor muito grande, levaram-nos, não sabia para onde...

Outra coisa que me marcou, foi ter a noção do sofrimento que os meus pais estavam a passar, e culpo-me por isso.

Entrevistadora: Culpa-se por eles a perderem ou por perderem os seus filhos?

Entrevistada: Sobretudo por perderem os meus filhos. Foram mais pais que eu, ficou um vazio.

Entrevistadora: Alguma vez teve uma conversa com a sua mãe sobre o que sentia em relação aos seus filhos?

Entrevistada: Não, ela não é mulher de ter esse tipo de diálogos.

Entrevistadora: E agora, quando sair, como pensa que vai ser?

Entrevistada: A minha mãe está no lar e vai continuar. A minha filha tem casa e vive com o namorado. O meu filho também. Toda a minha família está encaminhada, mas sei que eles não se vão esquecer de mim.

Entrevistadora: Sente-se preparada?

Entrevistada: Sim, estou. Eu fiz uma promessa aos meus filhos que nunca mais toco em drogas.

Entrevistadora: Acha que o facto de ter consumido drogas e ter sido reclusa alterou a forma como a sociedade olha para si?

Entrevistada: Não. No meu bairro as pessoas continuam a ser exatamente as mesmas comigo, conhecem-me, preocupam-se... agora claro, há outras que falam dos filhos da D. Zulmira como drogados, ladrões...

Mas quem me conhece mesmo, diz que sou boa pessoa e bem-educada.

Entrevistadora: Obrigada por esta conversa.

Reclusa 245

Entrevistadora: Gostaria de saber o motivo pelo qual está aqui.

Entrevistada: Foi tráfico. O meu marido trabalhava numa armação de ferro, nas obras. Até que ficou sem trabalho, nós tínhamos 4 sobrinhos e 2 filhos ao nosso encargo. Era muita criança e então eu e o meu marido começamos a traficar para sustentar a casa.

Entrevistadora: Porque é que acha que ele não conseguiu trabalho?

Entrevistada: Ele não era cigano, os meus filhos também já não são. Simplesmente, naquela altura era mesmo difícil arranjar alguma coisa.

Entrevistadora: O que é que a senhora fazia?

Entrevistada: Eu estava na lida de casa, tratava da minha mãe, pois ela estava numa cadeira de rodas e também tratava das crianças.

Entrevistadora: Teve algum tipo de consumo dessas substâncias?

Entrevistada: Nada, o único consumo que tenho é tabaco.

Quebra de Página

Entrevistadora: Como é que começou esse tráfico?

Entrevistada: Foi pela necessidade.

Entrevistadora: Foi apanhada em casa?

Entrevistada: Não, nós não fazíamos nem tínhamos nada em casa. Até porque a pena que eu estou a cumprir não está relacionada pelo tráfico que eu e o meu marido fazíamos. A minha filha namorava com um rapaz, que ele e os pais eram traficantes. Eu como a ia visitar lá a casa deles, fui apanhada no processo deles. Para não lhe fazerem mal, eu e o meu marido tivemos que nos calar.

Entrevistadora: O seu marido também está preso?

Entrevistada: Sim está, e até estamos divorciados por causa disso.

Entrevistadora: Como é que era a sua vida antes disto tudo acontecer?

Entrevistada: Eu não era feliz. Só vendia droga quando faltava dinheiro para pagar as contas, não era nada de luxos. Quando vim presa, o meu marido também já não vendia, tinha arranjado um trabalho.

Entrevistadora: Os seus filhos sabiam da situação?

Entrevistada: Sabiam, mas nós não trazíamos nada para casa.

Entrevistadora: Eram menores?

Entrevistada: Sim, eram. Sempre abri o jogo com eles.

Entrevistadora: Tinha uma relação com eles?

Entrevistada: Tive e tenho.

Entrevistadora: Eles confiavam em si?

Entrevistada: Confiavam e confiam.

Entrevistadora: Que idade é que eles têm agora?

Entrevistada: O rapaz tem 20 anos a rapariga vai fazer 21 anos.

Entrevistadora: Eles vêm visitá-la?

Entrevistada: Sim, o meu filho vem mais vezes porque está cá. A minha filha como está em França, só me vem ver quando vem a Portugal.

Entrevistadora: Como é a vida aqui?

Entrevistada: É horrível. Há guardas boas, outras más. Há reclusas péssimas, ainda piores que as guardas. Em vez de se apoiarem umas às outras, só fazem mal. Quando sabem que vamos em precária, fazem tudo para nos tirarem do sério e acaba-se por perder a cabeça e a precária.

Entrevistadora: Porque é que acha que elas fazem isso?

Entrevistada: Porque elas sabem que não vão, então não querem que a outra vá. O que acontece aqui, é que ainda existe preconceito sobre pessoas

de etnia cigana. Já tive várias situações, onde eu não tinha feito nada e eu é eu fui culpada, só porque sou cigana.

Entrevistadora: Acha que não é tratada de forma igual?

Entrevistada: Não, não sou.

Entrevistadora: Há aqui muitas pessoas ciganas?

Entrevistada: Sim, ainda há algumas. e elas também sentem isso. Mas elas juntam-se umas com as outras e andam assim. Eu já não sou assim, gosto de falar com diferentes pessoas.

O problema cá dentro e lá fora, é umas pagarem pelas outras. Eu lá fora tive que passar por brasileira, porque senão não me davam trabalho.

O português é muito racista, até com as próprias crianças. O meu neto tinha muitos problemas de fala, então lá na creche, até a educadora disse que não dava para ele continuar a andar lá. Ela dizia que ele parecia um animal a falar. Acredita, Doutora?

Agora ele está numa instituição, e se eu demorar muito tempo a sair daqui posso perde-lo. E é isto que me está a sufocar. Ele está numa instituição de crianças com paralisia, mas ele não tem. O problema dele é na fala.

Estou aqui dentro, já perdi o meu marido e estou quase a perder o meu neto por causa da porcaria da droga, e isso revolta-me... o crime não compensa... o que compensava era dar mais trabalho às pessoas, acabar com o racismo. E eu sei que agora, quando sair daqui, vou ter grandes problemas para arranjar trabalho.

Entrevistadora: Como é que pensa solucionar isso?

Entrevistada: Não sei, vou ver... vou fazer os papeis para o RSI, para a minha pré-reforma. Eu tenho vários problemas de saúde. Vou tentar arranjar um trabalho de limpezas.

Entrevistadora: Há quanto tempo está cá dentro?

Entrevistada: 5 anos e tal. Tinha 44 anos quando cá entrei, mas também lhe digo que foi a 1ª e última vez que entrei numa cadeia.

Entrevistadora: Conseguiu tirar alguma coisa positiva daqui?

Entrevistada: Saio mais revoltada. Até posso já ter perdido o meu marido, mas não posso perder os meus filhos e o meu neto.

Entrevistadora: Sente-se isolada cá dentro?

Entrevistada: Sinto, muito... às vezes queria alguém para conversar, desabafar e não tenho.

Entrevistadora: A equipa técnica, médicos, psicólogos não interagem com as reclusas?

Entrevistada: Dizem que temos apoio disto e daquilo e não temos nada. Nunca me chamaram para ir ao psicólogo, e estou aqui à 5 anos...

Entrevistadora: Já pediu alguma vez?

Entrevistada: Não, mas também ninguém se importa. Fui lá uma vez por causa dos relatórios, tive 5 minutos e vim embora.

Entrevistadora: Toma medicação?

Entrevistada: Sim, por causa dos problemas cardíacos, dos diabetes e estou a tomar uma espécie de um anti depressivo. Mas às vezes não há nada como uma conversa, alguém que nos oiça.

Entrevistadora: Consegue dormir?

Entrevistada: Tem alturas, penso, penso e não durmo.

Entrevistadora: Pensa em que?

Entrevistada: Porque estou aqui...

Entrevistadora: Isso revolta-a?

Entrevistada: Muito... eu ando muito revoltada e já não confio na justiça, porque a juíza sabia que aquilo não era meu. E eu saber que o que perdi para traz não vou voltar a recuperar mais...

Entrevistadora: Não recupera, mas acha que se consegue recompensar?

Entrevistada: Não sei se compensa...

Entrevistadora: Porque diz isso?

Entrevistada: Porque perdi o meu marido, o meu neto, os meus filhos... estou aqui dentro e não posso fazer nada.

Desde que estou aqui, nunca fui chamada uma vez ao juiz, nunca tive uma precária. Por isso, eu não acredito em mais nada. Agora diga-me, acha que o crime, trouxe alguma vantagem? Eu quero é estar em casa com os meus netos e os meus filhos.

Entrevistadora: E quando as dificuldades aparecerem?

Entrevistada: Eu trabalho. Faço limpezas, o que arranjar. Agora drogas e essas vidas, nunca mais.

Entrevistadora: Já perdeu uma oportunidade de ir em precária porque “tiraram-na do sério”, como pensa reagir quando existir outra oportunidade e fizerem o mesmo?

Entrevistada: Ficar quieta e calada. Vou ter que engolir sapos. Vou continuar a escrever, a desabafar para um papel e enviar para um amigo que tenho lá fora. Ele é o meu suporte e conforto neste momento.

Entrevistadora: Obrigada.

Entrevistada: Obrigada eu.

Quebra de Página

Reclusa 286

Entrevistadora: Gostaria de saber o motivo pelo qual está aqui.

Entrevistada: Furtos.

Entrevistadora: Mas fazia-os juntamente com alguém?

Entrevistada: Não, fazia sozinha.

Entrevistadora: Porque fazia?

Entrevistada: Para o consumo de drogas.

Entrevistadora: Desde que idade é que consumia?

Entrevistada: Dos 15 anos.

Entrevistadora: Havia alguém na sua família, amigos que também tinham consumos?

Entrevistada: Foi principalmente no meu grupo de amigos que se iniciaram os consumos.

Entrevistadora: É de que zona?

Entrevistada: Coimbra.

Entrevistadora: Esses furtos eram planeados? Como é que surgiam?

Entrevistada: Eram ao acaso, por necessidade. Quando começava a ressacar, não pensava em nada.

Entrevistadora: Que droga consumia?

Entrevistada: Heroína e Cocaína.

Entrevistadora: E agora, como se sente?

Entrevistada: Estou melhor, mais aliviada. Estou quase a ir embora...

Entrevistadora: Está ansiosa?

Entrevistada: Estou, muito...

Entrevistadora: Porque?

Entrevistada: Já não vejo os meus filhos à 3 anos e isso custa muito.

Entrevistadora: Eles que idades têm?

Entrevistada: O mais velho tem 12 anos e o mais pequeno vai fazer 6 anos no próximo mês.

Entrevistadora: Quando é que está prevista a sua saída?

Entrevistada: 22 de novembro. Mas estou a contar ir de precária em Agosto.

Entrevistadora: Quando consumia já tinha filhos?

Entrevistada: Comecei a consumir antes, depois quando engravidei do meu mais velho parei. Mas do meu mais novo já não consegui. Consumia durante a gravidez.

Entrevistadora: Pensava nisso?

Entrevistada: Quando se está sóbria, sim, mas quando consumimos não pensamos em nada.

Entrevistadora: O que sentia quando estava sóbria e pensava nisso?

Entrevistada: Revolta, por não poder ser a mãe que eles mereciam. Eu sabia que não era uma pessoa normal, que estava doente.

Entrevistadora: Tinha consciência disso?

Entrevistada: Sim, tinha. Mas de uma certa forma o consumo que tinha era mais forte que isso... é impossível sair dessa vida sozinha. No entanto, eu tive sempre o apoio da minha família, mas também é fundamental que uma pessoa queira. O problema é que eu já tinha desistido de mim. Sabia que ia que morrer a usar drogas ou morrer por causa das drogas.

Entrevistadora: A sua família sempre soube que consumia?

Entrevistada: Sempre não, só a partir dos 20 anos.

Entrevistadora: O que lhe diziam?

Entrevistada: Muita coisa... mas não adiantava muito. Tive uma relação de 10 anos com o pai dos meus filhos que também era consumidor e isso ainda tornou a situação mais complicada.

Entrevistadora: Com que idade é que teve o primeiro filho?

Entrevistada: 21 anos.

Entrevistadora: O pai dos seus filhos reconhece-os?

Entrevistada: Sim, falamos e tudo. Ele só não vai ver os filhos porque não quer. Há mais de 5 anos que não os vai ver e o mais pequeno só o conhece por fotos.

Entrevistadora: Ele está lá fora?

Entrevistada: Ele esteve preso, mas está em liberdade à cerca de 2 anos.

Entrevistadora: O que sente quando olha para trás?

Entrevistada: Tristeza.

Entrevistadora: Por desapontar as pessoas ou si própria?

Entrevistada: Primeiro a minha família e a mim depois. Sei que podia ter sido diferente. Tive uma educação para as coisas serem diferentes.

Entrevistadora: Têm irmãos?

Entrevistada: Uma irmã e um irmão.

Entrevistadora: Eles acompanham-na, apoiam-na?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: Quando fazia os furtos pensava que poderia ser apanhada?

Entrevistada: Na altura não se consegue pensar em nada.

Entrevistadora: O que significou para si ter vindo cá parar?

Entrevistada: É muito mau, custa muito, mas para mim foi bom. Foi a minha salvação.

Entrevistadora: Quer começar de novo?

Entrevistada: Quero.

Entrevistadora: Qual foi o tempo da sua pena?

Entrevistada: 3 anos e meio.

Entrevistadora: Como se sente aqui dentro?

Entrevistada: Eu tento levar isto da melhor maneira possível, mas não é fácil.

Entrevistadora: Não é fácil por tudo o que deixou lá fora ou pelo ambiente cá dentro?

Entrevistada: Pelo que deixei lá fora sobretudo. Pelas saudades... e o ambiente aqui às vezes é insuportável. Acabamos por levar com a nossa pena e com a pena das outras mulheres.

Entrevistadora: Mas é o contato com as outras reclusas que prova isso?

Entrevistada: São as confusões, elas discutem de manhã à noite. Eu sou uma pessoa muito calma, gosto de estar no meu canto, e tenho que levar com as confusões.

Entrevistadora: Como se aguenta isso?

Entrevistada: Tentando passar entre os pingos da chuva. No 1º ano que entrei foi complicado e não me conseguia controlar, mas depois, com o tempo, consegui.

Entrevistadora: Teve alguma tipo de ajuda?

Entrevistada: Ajuda principal foi a minha, mas também fui seguida pelo psiquiatra, mas nem tomo medicação.

Entrevistadora: Como é que se lida com a realidade cá dentro?

Entrevistada: Um dia de cada vez, hoje já passou, amanhã vamos ver. Eu tive 1 mês no regime de segurança e acho que foi aí que pensei bem no que queria para a minha vida e quando regresssei à rotina, mudei o meu comportamento e desde aí não tive mais nenhum castigo, nem participação.

Entrevistadora: Existem amigas aqui dentro?

Entrevistada: Poucas são aquelas que podemos considerar amigas. Eu aqui dentro, sei que tenho boas amigas, que as vou levar no coração. Nunca fui de me relacionar muito com mulheres, o meu grupo de amigos eram basicamente homens.

Entrevistadora: Essas amizades foram com um suporte para si?

Entrevistada: Sem dúvida. Talvez se não as tivesse teria me passado mais vezes.

Entrevistadora: Qual foi o acontecimento que mais a marcou aqui dentro?

Entrevistada: A ausência dos meus filhos e da minha família. Aprender a viver com isso é muito difícil.

Entrevistadora: Ficava revoltada?

Entrevistada: Revoltada comigo mesma.

Entrevistadora: O que pensava para tentar amenizar essa ausência?

Entrevistada: Tentava achar que isto seria como uma oportunidade para ser um pessoal melhor.

Entrevistadora: Os seus filhos vêm visita-la?

Entrevistada: Eu não quero.

Entrevistadora: Posso perguntar-lhe porquê?

Entrevistada: Porque é muito difícil vê-los ir embora e eu ter que ficar. Talvez esteja a ser egoísta, mas não consigo.

Entrevistadora: E tem visitas?

Entrevistada: A minha irmã, os meus irmãos, a minha cunhada.

Entrevistadora: E os seus pais?

Entrevistada: Não vêm sempre. Quando a minha mãe vem é sempre um mar de lágrimas.

Entrevistadora: O que sente quando ela vem cá?

Entrevistada: A minha mãe é a minha força, o meu pilar. Ela nunca desistiu de mim, mesmo quando eu já tinha desistido. E foi isso que a cadeia também me trouxe, o amor que eu sinto por eles.

Entrevistadora: Os seus filhos ligam-lhe?

Entrevistada: Sim...

Entrevistadora: E como são os telefonemas?

Entrevistada: É bom, não é a mesma coisa. Mas dá para matar algumas saudades.

Entrevistadora: Eles sabem o motivo pelo qual está cá?

Entrevistada: Ainda não. Quero ser eu a contar-lhes. Eles pensam que estou a fazer um tratamento, como era uma pessoa doente e quando sair daqui vou bem. O meu mais pequeno ainda veio cá, mas estranhava as guardas, as pessoas. O meu mais velho como é muito ligado a mim não podia vir cá.

Entrevistadora: Prefere sofrer sozinha do que fazer com que eles passem por isto?

Entrevistada: Sim, fui eu que errei, sou eu que tenho que pagar pelos meus erros.

Entrevistadora: Como acha que eles se sentem, uma vez que não está a acompanhar o desenvolvimento deles, a relação continua igual?

Entrevistada: Igual não digo que seja. Quando uma pessoa não está presente há sempre alguma coisa que muda. A minha mãe ajuda muito, para não falar que o meu filho mais novo ainda me chama de mãe e quando eu vim presa ele só tinha 3 anos.

Entrevistadora: Está pronta para quando chegar lá fora encarar as coisas que lhe possam aparecer?

Entrevistada: Não estou a contar ficar muito tempo em Portugal. Mas estou pronta para começar do zero.

Entrevistadora: Está totalmente ciente que pode encontrar novamente as drogas, pessoas que consumiam consigo? Sente-se preparada?

Entrevistada: Sim estou. Sei que vai ser complicado. Foram muitos anos a consumir e também por isso é que eu quero sair de Portugal. E eu sei que sozinha não consigo.

Eu quero continuar a fazer reuniões com narcóticos anónimos, sei que tenho a minha mãe e a minha irmã para me ajudar.

Entrevistadora: Como é que acha que a sociedade lá fora vai olhar para si?

Entrevistada: Acho que não vou ter muitos problemas com isso... Sempre tentei ser educada, as pessoas sempre que me vêm cumprimentam-me, ninguém me aponta o dedo. Independentemente de ter feito muito mal a muita gente, acho que lá fora consigo estar “bem vista”.

Entrevistadora: Isso irá facilitar a reintegração na sociedade?

Entrevistada: Em questão de andar com a cabeça erguida sim.

Entrevistadora: Como é que se vê a si mesma?

Entrevistada: Às vezes eu tento ser mais forte do que aquilo que sou. Tento pensar, se consegui até aqui vou conseguir o resto.

Entrevistadora: O que mais a marcou na sua vida?

Entrevistada: Anos e anos de sofrimento, meu, da minha família. Eles são as pessoas mais importante da minha vida e nunca me abandonaram, mesmo sendo uma drogada, nunca deixei de ser uma boa filha, uma boa irmã e tentei ser uma boa mãe dadas as circunstâncias em que estava.

Entrevistadora: O carinho, o amor conseguia dar?

Entrevistada: Sim, isso eu conseguia.

Entrevistadora: Obrigada.

Entrevistada: Obrigada eu.

Quebra de Página

Reclusa 298

Entrevistadora: Gostaria de saber o motivo pelo qual veio cá parar.

Entrevistada: É uma história muito longa. Então, eu já tenho 50 anos, comecei com drogas leves aos 12 anos e as mais pesadas aos 14 anos. Sempre tive uma vida muito atribulada, andei sempre na droga. Cá em Portugal e em Espanha. Sempre fui muito independente. Fui traficante durante muitos anos e nunca fui apanhada e vivia à conta da droga.

Entrevistadora: A sua família tinha conhecimento?

Entrevistada: A minha família não soube de mim durante 12 anos. O meu pai pus-me fora de casa. Quando dei notícias, já estava muito em baixo, degradada. Foi nessa altura que comecei a pedir dinheiro e eles acabaram por ter a certeza que eu andava nessa vida. Entretanto começaram os internamentos, já tarde, teria 30 anos e tal... Sempre foi muito complicado, eu andava num entra e sai das clínicas, até que a minha família cansou-se e disseram-me que quando fosse eu querer deixar as drogas para lhes dizer, que eu não iria conseguir só por causa deles. E a minha irmã andou quase 2 anos a dar-me dinheiro para a droga. Nessa altura eu só consumia heroína.

Até chegou a uma altura em que eu cansei-me de andar sempre a pedir-lhe, e por ela resolvi tratar-me, porque eu gostava de consumir.

Entrevistadora: Tinha deixado os estudos?

Entrevistada: Sim, eu fiz o 10º ano aqui na prisão. Entretanto fiz o tratamento, comecei a andar com um rapaz e foi com ele que tive a minha filha. Eu não sabia que estava grávida e comecei a dar uns fumos novamente.

Entrevistadora: O seu companheiro naquela altura tinha algum tipo de ligação com a droga?

Entrevistada: Já tinha tido, mas ele não sabia que eu tinha voltado a dar uns fumos outra vez, ninguém sabia.

Entrevistadora: Com que idade engravidou?

Entrevistada: Com 30 e tal. A minha filha já tem 20 anos. A partir daí disse à minha irmã que estava grávida, fumei o último saco. Fui para o hospital, tomei tramal e desde aí tive 7 anos sem consumir.

Quando a minha filha tinha 7 anos conheci outro rapaz e comecei a consumir novamente.

Entrevistadora: Juntamente com ele?

Entrevistada: Sim, no entanto, durante a gravidez tinha um suplemento, a metadona. Sentia-me bem, mas não deixava de estar dependente daquilo.

A minha irmã assim que se apercebeu que andava a consumir outra vez, tirou-me a minha filha. Eu tinha bastantes ajudas da segurança social, de pessoas amigas, trabalhava como assistente de uma professora, e após saberem que andava a consumir tiraram-me tudo. Comecei a ter muitas dívidas, como o meu pai já tinha morrido, coloquei as minhas coisas na casa da minha mãe e fui para lá traficar. A minha mãe sabia o que se estava a passar, mas não tinha coragem de me expulsar de lá. Naquela altura cada vez me drogava mais, eram as pessoas que já me tinham que injetar...

Entrevistadora: Nunca teve força para acabar com aquela situação?

Entrevistada: Eu sabia que só vindo presa é que conseguia ter força ou então morria. Eu disse à minha mãe que só me conseguia tratar quando acabasse aqui.

Entrevistadora: Como é que se sente, olhando para trás e vendo a situação da sua mãe?

Entrevistada: A minha teve um sofrimento enorme. Não há palavras, eu não sei se aguentava estar no lugar dela.

Entrevistadora: Quantos irmãos tem?

Entrevistada: Tenho mais 2 irmãs. Uma não falava comigo, não consegue compreender.

No entanto, agora já fala e já está a confiar em mim e está a fazer tudo por mim.

Entrevistadora: Elas estão a dar-lhe um voto de confiança. Sente-se preparada?

Entrevistada: Eu sei que um passo em falso vai tudo por água a baixo, mas eu agora não penso em drogas. O meu medo vai ser quando chegar lá fora.

Entrevistadora: A sua família teve algum tipo de ligação com as drogas? Como é que começou esse consumo?

Entrevistada: Não, nada. Comigo começou porque eu era aquela adolescente rebelde que queria descobrir tudo. As pessoas que eu ia

conhecendo fizeram logo com que eu fosse a baixo, deixavam-me de rasto, experimentava de tudo.

Entrevistadora: Disse-me que o seu medo é quando for lá para fora, certo? Quando isso acontecer, como é que pensa contornar essa situação?

Entrevistada: Agora o que penso é, se eu tenho dinheiro para droga porque é que em vez de ir comprar não vou provar aqueles pratos que sempre quis? É uma opção.

Entrevistadora: O facto de ter vindo cá parar não a ajuda a contornar essas situações? Não marcou?

Entrevistada: A mim marcou-me pela positiva. O início obviamente foi complicado, a rotina, os horários, mas conforme o tempo eu fui-me adaptando, elas reeducaram-me. Eu quando entrei aqui, eu deixei todo o tipo de substâncias, heroína, cocaína, metadona e isso foi horrível, parecia que ia morrer. Por isso, se quando chegar lá fora e me apetecer vou olhar para trás, lembrar-me das minhas colegas reclusas e acho que vou perder logo o apetite.

Entrevistadora: Durante o tempo que teve cá, aconteceu criar confusões com outras reclusas?

Entrevistada: Os primeiros anos que tive cá não. Estava a tomar medicação, estava muito calma, estive sempre numa cela sozinha. Nessa altura nem do meu processo queria saber, até porque estavam sempre a cair-me penas suspensas e eu nunca fiz nada para tentar atenuar. Quando fui a ver tinha uma pena de 11 anos, e só pensei “seja o que deus quiser”.

Quando a diretora me pôs cá fora, no regime aberto, comecei a fazer-me à vida, a trabalhar e deixei a medicação, mas tive cerca de 3 meses sem dormir.

Entrevistadora: E agora, depois de tudo aquilo que passou como é que se olha ao espelho?

Entrevistada: Já não gosto de ver aquelas gorduras, já gosto de colocar um risco nos olhos, tenho pena de ter perdidos os dentes, mas ando a ver se consigo fazer um crédito para os arranjar. Esqueci-me de dizer foi que já tive hepatite C, mas já fiz os tratamentos e já estou curada.

Neste momento, o que me está a preocupar é a minha mãe que já está com 86 anos e está sozinha em casa e eu preciso de ir cuidar dela, ela merece... a minha filha está com a minha irmã que me ajudou, é ela que é a mãe dela,

tenho noção disso. Eu que a minha filha me tem como uma amiga, não como uma mãe.

Entrevistadora: O que sente em relação a isso?

Entrevistada: Tenho pena, mas...

Entrevistadora: E o pai?

Entrevistada: Dá-se muito bem com ela, na altura não a quis reconhecer, mas depois mais tarde fê-lo. Falam-se todos os dias por computador, uma vez que agora ele está a viver em Londres. A relação deles também é mais de amigos do que pai e filha.

Entrevistadora: Como é que caracteriza uma mãe?

Entrevistada: É complicado. Eu sinceramente não tenho muito esse estilo de ser mãe, não tenho aquele instinto maternal.

Entrevistadora: Mas pelo facto de ter passado pela situação que passou ou porque já faz parte de si?

Entrevistada: Acho que já faz parte de mim. Desliguei-me muito cedo disso, a ligação que criei com ela é de melhores amigas.

Entrevistadora: Sente-se bem com isso?

Entrevistada: Sinto. Eu continuo a aconselha-la, a tentar ajuda-la. Ela é minha filha, só que quero que ela esteja à vontade comigo e fale de tudo comigo.

Entrevistadora: Que idade ela tem agora?

Entrevistada: Vai fazer 19 anos em Agosto.

Entrevistadora: Ela sabe o motivo pelo qual está cá?

Entrevistada: Sim, sabe. Ela não me viu desde os 7 aos 11 anos, mas eu ia vê-la à rede da escola. Eu sei que nos momentos mais marcantes na vida dela eu não tive lá. Não fui convidada para o batizado. A minha irmã não queria que ela me visse naquele estado, e nem eu queria. E só passado um ano e meio é que ela me veio visitar, que foi quando comecei a ganhar cor e a ficar com outra aparência.

Entrevistadora: O que é que ela lhe disse?

Entrevistada: Ela escrevia-me, mas se passasse por ela na rua eu não a conhecia.

Entrevistadora: O que sentiu?

Entrevistada: Chorei muito. Precisei de lhe tocar...

Entrevistadora: E ela?

Entrevistada: Não me largou a mão... foi esquisito. Não tínhamos muito para dizer, foi o contato. Perguntei-lhe se ela me perdoava e ela disse para não pensar nisso... disse-me quando a vida dela começar a andar para a frente, ela quer ir para a tropa, que eu vou viver com ela... só esse pensamento dela já me aconchegou.

Ela apresentou-me ao pessoal amigo dela e tudo, foi estranho para mim isso... chega-se a um ponto que uma pessoa desconfia muito das coisas, eles foram muito simpáticos, receberam-me bem, mas... pergunto-me porque?!

Entrevistadora: Porque é que existe essa desconfiança? Por aquilo que já viveu?

Entrevistada: Nós drogados somos sempre excluídos, nem é por estar presa. E isso leva-nos a desconfiar de tudo e de todos.

Entrevistadora: São excluídos ou excluem-se?

Entrevistada: A gente que perde os próprios valores, chegamos a um ponto que agimos inconscientemente.

Entrevistadora: Quanto tempo lhe falta?

Entrevistada: Na pior das hipóteses 1 ano e meio. Agora vou tentar tirar o 12º ano.

Entrevistadora: Muito bem, e quando chegar lá fora, quais são as perspetivas?

Entrevistada: A minha mãe precisa de mim, portanto ainda não sei bem como e o que vou fazer... vamos ver.

Entrevistadora: Obrigada.

Quebra de Página

Reclusa 272

Entrevistadora: Gostaria de saber um pouco acerca da sua história de vida.

Entrevistada: Eu estava na Suíça. Conheci um rapaz, ele era toxicod dependente e começamos a namorar. Passado uns meses, chateamo-nos e eu vim para Portugal, mas ele veio atrás de mim. o problema é que alguma coisa me dizia para não ir, ele vinha muito magro, mas o que nós tínhamos era um amor muito grande e ele lá acabou por me convencer a voltar para lá. Naquela altura, eu só fumava haxixe, só que ele não queria eu fumasse.

Entretanto ele apresentou-me a branca e o pó. e foi aí que comecei a fumar com ele. A primeira vez que consumi foi logo injetável e depois fumada. Entretanto ele começou a fazer roubos lá na Suíça, mas fazia-os sozinho. Aquilo começou a complicar até que ele fez um crédito para irmos para Portugal. E o primeiro sítio para onde ele me levou foi para o bairro do Aleixo. Estourou o dinheiro todo, até o que eu tinha juntado e ainda tive que vender a minha roupa. Acabamos por ficar a viver na rua. Entretanto conhecemos uma pessoa uma pessoa que nos ia ajudar, supostamente. Ficamos na casa tal pessoa, e só me lembro de acordar ao outro dia rodeada de seringas e para eu acabar com a minha ressaca basicamente fui obrigada a pegar naquelas seringas e injetar-me.

Passado uns dias prometemos enterrar as seringas e ir para tratamentos. Ele foi para uma clínica e eu fui para casa da mãe dele, fazer o tratamento a sangue frio. Entretanto ele desistiu, e veio para casa consumir novamente.

Começamos a andar pelas ruas a roubar, ele obrigava-me a roubar, batia-me...

Até que chegou ao ponto em que ele fez um roubo num hotel e eu assumi as culpas... Agora estou aqui, a pagar por uma coisa que não fui eu a fazer. Para ele aquilo foi uma mais valia, ele deixou-me vir dentro e eu vejo que fiz tanto por amor e ele nem sequer gostava de mim.

Eu comecei a andar sozinha até que o meu irmão encontrou-me e trouxe-me para casa da minha mãe. Eu comecei a ir às carrinhas, tomar metadona até que ele me apareceu novamente. Mas nessa altura, a minha mãe disse-me que se eu saísse, não entrava mais. E eu escolhi ir com ele. E voltou tudo ao mesmo, roubos, agressões...

Um dia, ele disse-me que ia ver a irmã e não voltou. E eu troquei um homem pela minha mãe e o meu filho. Fiquei na rua sozinha, ia fazendo furtos em supermercados para tentar sobreviver.

Entretanto, conheci o meu atual namorado, que também consome.

Entrevistadora: Há quanto tempo está dentro?

Entrevistada: 1 mês e uma semana e descobri hoje que posso ter sido infetada com SIDA. Fui condenada a 3 anos e 6 meses. Estão a cair-me penas suspensas... mas também sei que vir cá parar foi o fim de um novo começo. Agora não penso em droga e cá dentro podia consumir, mas nem penso nisso.

Entrevistadora: A sua família tem algum tipo de ligações coma droga?

Entrevistada: Não

Entrevistadora: Sabem que está cá dentro?

Entrevistada: Sim, a minha mãe vem cá visitar-me.

Entrevistadora: Como se sente?

Entrevistada: Sinto-me contente. Eu já não a via há 5 anos, tal como ao meu filho. Ele ainda não me vem ver, anda em tratamentos...

Entrevistadora: Enquanto estava grávida consumia?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: Como descreve a sua gravidez?

Entrevistada: Fiquei muito contente, não consumia nem erva nem pó. A situação do meu filho é muito complicada e eu não quero falar sobre isso.

Entrevistadora: Tudo bem. Quando fazia os furtos o que sentia?

Entrevistada: Tristeza. E eu sempre disse aos seguranças que não me sentia bem por aquilo que estava a fazer, mas era para conseguir consumir.

Entrevistadora: E o que lhe diziam?

Entrevistada: Que os estava a prejudicar e a mim também. Mas eu dizia-lhe que preferia roubar do que me prostituir.

Entrevistadora: O que mais a marcou na sua vida?

Entrevistada: Foi ter trocado a minha mãe e o meu filho por aquele homem. Ele está preso.

Entrevistadora: Isso é um alívio?

Entrevistada: Sim, e saber que ele tem uns bons anos ainda me sinto. Ele tem 25 anos de cadeia e não matou ninguém, imagine. Ele foi muito mau para mim. Ainda por cima, ele sabia que tinha aquela doença e mesmo assim fez o que fez.

Entrevistadora: Sentiu-se traída?

Entrevistada: Bastante, senti-me com nojo. Eu sempre fui mais uma.

Entrevistadora: O seu atual companheiro sabe dessa situação?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: O que é que mais precisa neste momento?

Entrevistada: Da minha mãe, do meu filho e do meu atual companheiro.

Entrevistadora: Como é que a relação com a sua mãe?

Entrevistada: Temos muitas rivalidades. Eu sou adotada, mas também não quero falar sobre isso.

Entrevistadora: Não quer falar porque?

Entrevistada: Porque magoa.

Entrevistadora: E não acha que falar iria ajudar?

Entrevistada: Acho, mas eu estou com muita coisa na minha cabeça neste momento. E quero estar sozinha e no meu canto.

Entrevistadora: Respeito. Obrigada por este bocadinho.

Quebra de Página

Reclusa 177

Entrevistadora: Gostaria de saber um pouco da sua história de vida. O motivo pelo qual está cá.

Entrevistada: Eu envolvi-me com um rapaz que já estava presa, passei por situações de violência doméstica, fiquei sozinha com 3 filhos. Foram situações muito complicadas. Quando a minha mãe saiu da cadeia tinha contraído HIV. Eu morava com ela e ela pus-me fora da porta, simplesmente porque eu não aceitei o relacionamento dela com um homem casado.

Depois fui viver para uma residencial, juntamente com os meus filhos... o pai da minha filha era muito violento, batia-me, então eu vi-me na obrigação de arranjar um rapaz mais conhecido e respeitado do que o meu ex para que ele me deixasse em paz.

O problema foi que tentei proteger-me de uma maneira e acabei por me prejudicar. Ele pediu-me para passar droga para uma senhora que estava dentro da prisão. Só que depois a mulher foi apanhada e disse que tinha sido a fazer a passagem da droga, era uma placa de ganza.

Entrevistadora: Em algum motivo pensou denunciar o seu namorado?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: Porque?

Entrevistada: É o orgulho de sairmos de cabeça levantada e não termos a fama de chibar. Eu tive vontade de falar no julgamento, ouvi coisas que eram mentira, mas como já estava metida naquilo decidi calar-me e levar com a pena maior. Eu sabia que iam dizer, “ela é chiba, levou pessoas por arrasto”, então eu pensei para mim “eu aguento-me”

Entrevistadora: E aguenta?

Entrevistada: Não, é muito pesado. Hoje arrependo-me de não ter falado.

Entrevistadora: Arrepende-se?

Entrevistada: Muito.

Entrevistadora: Porque mudou a ideia do que os outros possam pensar?

Entrevistada: Hoje em dia eu penso mais em mim e nos meus e não penso tanto no que os outros falam. É que eu fiquei como a cabecilha, quando não era.

Entrevistadora: Quanto tempo é que apanhou?

Entrevistada: 11 anos.

Entrevistadora: Há quanto tempo é que está aqui?

Entrevistada: Estou à 6 anos. Agora estou à espera do corte de meio de pena. Estou a contar ir embora este ano, vamos ver...

Entrevistadora: Como são os dias aqui?

Entrevistada: Já tive dias bons, dias maus. Aqui passasse um bocado de tudo. Inferno é quando caímos na cela e estamos sozinhas. Agora estou com a minha melhor amiga, numa camarata e isso faz com que se passe melhor o tempo. Senão é para esquecer. O problema também quando vamos ao telefone, eu no meu caso, quando falo com os meus filhos, o mundo desaba, ouvir os meus filhos a dizer "oh mãe eu preciso disto, tenho saudades" é terrível. As situações lá fora não dependem de nós, mas de outras pessoas. E isso também é frustrante para mim.

Entrevistadora: Sente-se impotente?

Entrevistada: Muito impotente. Mas lá está, nesses momentos a minha companheira de cela conforta-me... Eu nunca dependi de ninguém, saí de casa com 13 anos fui mãe com 15, tenho um filho com 19, outro com 17 e a minha filha tem 12.

Entrevistadora: Tinha uma boa relação com a sua mãe?

Entrevistada: Não, chocamos muito. Feitios diferentes. Mesmo cá dentro, não podíamos estar muito tempo juntas. Sempre a ajudei e tudo, ela teve cancro na garganta e eu estive sempre do lado dela, nem admito que ninguém lhe faça mal.

Entrevistadora: Os seus filhos estão lá fora com quem?

Entrevistada: Com o pai. E eu sempre me senti mal por isso, porque eu sempre fui mãe e pai. Os meus filhos não tinham ligação nenhuma com ele e tiveram por acabaram por serem obrigados a ir morar com ele.

Entrevistadora: O que é que eles lhe dizem sobre isso?

Entrevistada: Eles não falam sobre isso. Tudo o que dizem é para me confortar, “eu amo-te, és a minha vida”.

Entrevistadora: É preciso isso para se aguentar cá dentro?

Entrevistada: Sim é. É preciso ter o apoio das pessoas que mais amamos e saber que eu por mais que erasse eles confiam em mim e têm a noção que sempre fiz tudo por eles.

Entrevistadora: Cá dentro, é fácil fugir dos conflitos?

Entrevistada: Não é fácil, eu ao início tive muitos conflitos, mas com o tempo aprendi a lidar com isso. Saio da cela quando tenho que sair, janto com a minha amiga na cela e assim torna-se mais fácil evitar conflitos. Aqui as pessoas são muitos maldosas, tudo serve para falar e eu tive que aprender a lidar com isso.

Entrevistadora: Precisou adaptar-se?

Entrevistada: Totalmente, eu explodia, respondia a tudo, passava-me, mas comecei a ver que assim era pior. Eu tive 3 cortes de precária.

Entrevistadora: O que sentiu quando levou o 1º corte?

Entrevistada: No primeiro eu estava a contar. Eles testaram-me durante muito tempo. Ao início eu respondia sempre à minha técnica, mas quando comecei a ver que assim não iria resultar, comecei a engolir sapos e acatava o que me diziam.

Entrevistadora: Como é que se consegue mudar isso?

Entrevistada: Eu ficava de rastos por não dizer o que me apetecia.

Entrevistadora: Deixava de ser quem era?

Entrevistada: Deixava, mas também sabia que se não aguentasse não conseguiria atingir os meus objetivos.

Entrevistadora: Como é vista agora lá fora?

Entrevistada: Ninguém me reconhece, dizem que estou muito diferente.

Entrevistadora: E como se sente quando lhe dizem isso?

Entrevistada: Sinto-me. É bom para mim. Até os meus filhos dizem que estou diferente. Mas também foi muito difícil para mim.

Entrevistadora: O que é que foi mais difícil?

Entrevistada: Engolir. Apesar de que agora digo as mesmas coisas mas de uma forma diferente.

Entrevistadora: O que é que mais a revolta aqui dentro?

Entrevistada: A falta de pedido de desculpas. Aqui dentro nós erramos, somos castigadas e obrigadas a pedir desculpa, as guardas só pela farda que têm não pedem, mesmo quando são elas a errar.

Entrevistadora: O que é que mais a marcou?

Entrevistada: A distância dos meus filhos, problemas que não contava ter e tive.

Entrevistadora: Eles sabem o motivo pelo qual está aqui?

Entrevistada: Sabem, nunca lhes escondi nada.

Entrevistadora: Sente que eles de uma certa forma percebem?

Entrevistada: Sim, senão não diziam o que me dizem.

Entrevistadora: Algum deles presenciaram a sua detenção?

Entrevistada: Presenciaram os 3, mas quem estava comigo era a minha filha, tinha 6 anos.

Entrevistadora: O que lhe disse?

Entrevistada: Nada, agarrarmo-nos e choramos.

Entrevistadora: Acha que em algum momento isso a marcou?

Entrevistada: Acho que sim.

Entrevistadora: Dá para compensar essa marca?

Entrevistada: Acho que só vai dar para compensar quando eu sair. Mesmo quando tenho as precárias, são sempre dedicadas a eles, mas sei que não é igual. Há coisas que se perdem e eu não vou conseguir recuperar.

O que eu não quero é que os meus filhos tenham a mesma relação como aquela que eu tive com a minha mãe.

Entrevistadora: Com a sua mãe, acha que não precisa de encontrar um meio termo para se entenderem?

Entrevistada: Não, eu neste momento nem falo com ela. Ela mora a 2 minutos daqui e veio 2 vezes cá visitar-me. Não quer saber dos netos, portanto eu não posso chamar aquela mulher de mãe. A minha mãe é a minha madrinha, que me ajuda, que se preocupa e que faz tudo por mim.

Entrevistadora: Sente que nunca falhou a sua mãe, mas que ela lhe falhou?

Entrevistada: Ela falhou muito comigo, desde miúda. A minha madrinha é que foi sempre o meu pilar.

Entrevistadora: Quem é o seu pilar aqui dentro? É possível fazer-se amizades?

Entrevistada: O meu pilar é a minha melhor amiga, dei-me bem com ela desde o início. Amizades aqui dentro não é fácil. Chegamos a um ponto que sufoca, as pessoas saturam a cabeça.

Eu já corro para cadeias desde os meus 8 anos. O meu pai já teve preso à cerca de 22 anos atrás, a minha falecida avó também e a minha mãe já teve presa 3 vezes. Basicamente a minha vida passou-se aqui, e isto não é fácil de gerir, nada fácil. Mas mesmo assim, só se sabe o que é realmente uma cadeia quem passa por aqui.

Entrevistadora: Sente que as reclusas não são escutadas?

Entrevistada: Não, nós somos as mentirosas.

Entrevistadora: É frustrante?

Entrevistada: Muito. Mas também lhe digo eu para a cadeia só volto novamente se alguém fizer mal aos meus filhos. Isso é garantido e já disse ao meu técnico. Já sofri na pele abusos, violência, sei o que é e jamais permitiria que fizessem isso aos meus filhos.

Entrevistadora: E agora daqui para a frente?

Entrevistada: Eu fiz uma peça de teatro lá fora e eles gostaram muito de mim e tencionam ficar comigo para outras peças...

Entrevistadora: Como é que se sentiu?

Entrevistada: Senti-me muito bem, senti que nem estava presa. É tão bom ter alguém que confie em nós e nos valorize.

Entrevistadora: O que leva daqui?

Entrevistada: Mais garra, uma boa aprendizagem, e sofrimento.

Entrevistadora: Obrigada.

Entrevistada: Obrigada eu, Tânia.